



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

RESOLUÇÃO – CEPEC Nº 1333

Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais, modalidade Presencial, grau acadêmico Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais, para os alunos ingressos a partir de 2014.

O CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, no uso de suas atribuições legais, estatutárias e regimentais, reunido em sessão plenária realizada no dia 20 de fevereiro de 2015, tendo em vista o que consta do processo nº 23070.025214/2012-11, e considerando:

- a) a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei 9.394/96);
- b) as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Artes Visuais;
- c) a Resolução CNE/CES;
- d) o Estatuto e o Regimento Geral da UFG;
- e) o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFG, Resolução CONSUNI Nº 06/2002;
- f) as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena,

R E S O L V E :

Art. 1º Aprovar o Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais, modalidade Presencial, grau acadêmico Licenciatura, da Faculdade de Artes Visuais - FAV, da Universidade Federal de Goiás, na forma do anexo a esta Resolução.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor nesta data, com efeito para os alunos ingressos a partir do ano letivo de 2014, revogando-se as disposições em contrário.

Goiânia, 20 de fevereiro de 2015

Prof. Orlando Afonso Valle do Amaral
- Reitor -

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

FACULDADE DE ARTES VISUAIS - FAV/UFG

COMISSÕES DE REFORMULAÇÃO E REDAÇÃO DO PROJETO DE CURSO:

2011 Prof ^a . Alice Fátima Martins Prof ^a . Fernanda Pereira da Cunha Prof. Marcos Antônio Soares (Pres. Comissão) Prof ^a . Sainy Coelho Borges Veloso	Apoio Prof ^a . Anahy Mendonça Jorge Prof ^a . Edna de Jesus Goya Prof. Glayson Arcanjo de Sampaio Prof ^a . Irene Maria Fernandez Silva Tourinho Prof ^a . Kelly Christina Mendes Arantes Prof ^a . Leda Maria de Barros Guimarães Prof ^a . Noeli Batista dos Santos Prof. Raimundo Martins Prof ^a . Rogéria Eler da Silva Prof ^a . Vânia Olária Graduandos da Licenciatura em Artes Visuais da FAV
2012 Prof ^a . Alice Fátima Martins Prof ^a . Lilian Ücker Perotto Prof. Marcos Antônio Soares (Pres. Comissão) Prof ^a . Sainy Coelho Borges Veloso	Núcleo Docente Estruturante do Curso (2012-2014) Prof ^a . Alice Fátima Martins Prof ^a . Gisele Costa Ferreira da Silva (Presidente do NDE) Prof. Marcos Antonio Soares Prof ^a . Maria Tereza Gomes da Silva Prof ^a . Patrícia Bueno Godoy Prof. Raimundo Martins
2013 Prof ^a . Alice Fátima Martins Prof. Cleomar Rocha Prof ^a . Gisele Costa Ferreira da Silva (Presidente Comissão) Prof. Marcos Antônio Soares Prof ^a . Noeli Batista dos Santos Prof ^a . Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	Agradecimentos Professores, Estudantes e Servidores Técnico-Administrativos da FAV/UFG. Professores de Artes Visuais da rede pública Estadual e Municipal de Goiânia. Aos Professores Fernanda Pereira da Cunha (UFG), Henrique Lima Assis (Ciranda da Arte/SEE-GO), Mônica Moura (UNESP-SP), Jocielle Lampert (UDESC), Belidson Dias (UnB) e Terezinha Losada (UNIRIO).

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO	04
2	EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS.....	04
2.1	Histórico da Instituição	04
2.2	Estrutura Administrativa e Acadêmica da FAV.....	05
2.3	Projetos de Formação de Professores na FAV	08
2.4	Justificativa da Reformulação Curricular.....	09
3	OBJETIVOS DO CURSO.....	13
4	PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL	13
4.1	Prática profissional	13
4.2	Formação artística, social, cultural, ética e a função social do profissional	14
4.3	Articulação entre teoria e prática	14
4.4	Interdisciplinaridade e temas transversais.....	15
5	EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL.....	15
5.1	Perfil do Curso	15
5.2	Perfil do Egresso	16
5.3	Competências e Habilidades do Egresso	16
6	ESTRUTURA CURRICULAR.....	17
6.1	Eixos temáticos	18
6.2	Núcleos da Estrutura Curricular.....	18
6.3	Atividades complementares de caráter acadêmico, científico e cultural	19
6.4	Prática como componente curricular	20
6.5	Matriz curricular da Licenciatura em Artes Visuais	21
6.6	Carga horária dos núcleos e do curso.....	23
6.7	Carga horária das disciplinas nos eixos temáticos.....	23
6.8	Ementário e bibliografias básica e complementar	23
6.9	Disciplinas na modalidade semipresencial	36
6.10	Educação Ambiental e em Direitos Humanos	37
6.11	Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena	38
6.12	Sugestão de fluxo curricular	40
6.13	Duração do curso	41
7	POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO	41
7.1	Estágio Curricular Obrigatório.....	42
7.2	Estágio Curricular Não Obrigatório.....	43
8	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	43
9	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	44
10	INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	45
11	POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DE DOCENTES E TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS DA UNIDADE ACADÊMICA	45
12	QUADRO DE DOCENTES EFETIVOS DA UFG QUE PARTICIPAM DO CURSO	46
13	NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO (NDE).....	47
14	SISTEMÁTICA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO	48
15	REFERÊNCIAS	49

1 APRESENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

Área de Conhecimento: LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES

Modalidade: PRESENCIAL

Curso: LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Título a ser Conferido: LICENCIADO EM ARTES VISUAIS

Instituição de Ensino Superior: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Unidade Responsável pelo Curso: FACULDADE DE ARTES VISUAIS (FAV)

Carga Horária do Curso: 3052 horas

Turno de Funcionamento: PREDOMINANTEMENTE MATUTINO

Número de Vagas: 30 vagas

Forma de Acesso ao Curso: PROCESSO SELETIVO ADOTADO PELA UFG.

2 EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

2.1 Histórico da Instituição

A história da Faculdade de Artes Visuais (FAV) tem sua origem no contexto dos primeiros anos de criação da Universidade Federal de Goiás (UFG), criada em 1960 com a congregação de cinco cursos superiores existentes na cidade de Goiânia, no Estado de Goiás, mantidos com recursos da União. Desde então, esta unidade acadêmica da UFG vem exercendo um significativo papel no processo de constituição das práticas, processos e sistemas culturais e educativos em artes visuais na região, em particular, no Estado de Goiás. É notória a importância da FAV como ponto de convergência de produtores, pesquisadores, educadores e estudiosos dedicados ao desenvolvimento e à formação em artes visuais, design e arquitetura, os quais têm contribuído com importantes produções nos cenários local, nacional e internacional.

Em sua organização como instituição dedicada à cultura e à formação artística na região, em 1960/1961 foi constituído o Instituto de Belas Artes de Goiás (IBAG); em 1963 a instituição agrega-se à UFG com a denominação de Faculdade de Belas Artes (FBA); em 1969, unindo-se ao Conservatório Goiano de Música da UFG, cria-se o Instituto de Artes (IA); e, a partir de 1996, com o aumento da demanda e a reestruturação das unidades acadêmicas na instituição, institui-se a Faculdade de Artes Visuais (FAV).

Com a reforma administrativa promovida pela UFG em 1996, propicia-se uma significativa projeção da FAV no âmbito interno e externo da instituição. Nesse contexto, favorece-se o seu crescimento com a criação e a implantação de novos cursos em nível de graduação, especialização e pós-graduação, consequentemente, a ampliação e a qualificação de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão – favorecendo uma relação consequente com os anseios da sociedade e respondendo às demandas e aos desafios das áreas que exerce atuação.

O impacto da FAV no contexto regional, bem como nas dinâmicas da própria universidade, é demonstrável pelo quantitativo crescente de alunos matriculados nos últimos anos, tanto na graduação como na pós-graduação, o que a localiza entre as unidades acadêmicas com maior número de alunos na UFG. Essa situação demonstra, claramente, o histórico compromisso e a disposição da FAV em responder efetivamente aos desafios e às necessidades da região, particularmente, em relação à formação de professores em artes visuais.

Ao longo de sua trajetória, assumindo o serviço público com responsabilidade, compromisso, e especialmente desde 2007, com o investimento no ensino na modalidade à distância a FAV/UFG tem recebido alunos provenientes de vários municípios goianos e de outros Estados brasileiros, inclusive, mediante convênios e programas de intercâmbio estudantil, de outros países e universidades.

Pautada pelo seu projeto como instituição pública, gratuita e de qualidade, a FAV tem contribuído com a formação e a qualificação dos profissionais que atuam no campo da cultura, educação e produção visual, muitos dos quais, com notável reconhecimento social mediante sua atuação profissional.

Para atender à demanda da região, a FAV tem oferecido cursos de graduação, na modalidade presencial e à distância, que funcionam em diferentes turnos: 1. Artes Visuais – bacharelado (turno matutino); 2. Artes Visuais – licenciatura (turno matutino); 3. Design de Ambientes – bacharelado (turno matutino); 4. Design Gráfico – bacharelado (turno vespertino); 5. Design de Moda – bacharelado (turno noturno); 6. Arquitetura e Urbanismo – bacharelado (turno integral); 7. Artes Visuais – licenciatura – Projeto UAB e PARFOR (educação a distância); 8. Artes Visuais – licenciatura – Projeto Pró-Licenciatura (educação a distância).

A contemporaneidade e o crescimento do caráter global de nossa sociedade têm impulsionado o fomento de políticas governamentais com o objetivo de constituir de ações que envolvem a utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC's) nos processos educacionais, tendo em vista a democratização do ensino superior e à questão da inclusão digital. Dessa forma, através de ações conjuntas com o Ministério da Educação (MEC), Instituições de Ensino Superior (IES) e secretarias de educação dos estados e municípios, a Faculdade de Artes Visuais (FAV/UFG) oferece o curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade à distância em três programas: UAB (Universidade Aberta de Goiás), Pró-licenciatura e PARFOR (Plano Nacional de Formação) desde 2007. A chegada de duas turmas, cujos cursos foram realizados via modalidade à distância, à reta final dos cursos ressalta os aspectos positivos em relação ao impacto social da formação de licenciados/as na área de artes visuais no sentido de ampliar o acesso à formação de nível superior com qualidade. Diante da experiência acumulada, a expectativa é a de continuidade para com a missão de colaborar com o desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro.

As contribuições da FAV aos estudos, às pesquisas e à formação profissional se intensificaram com a criação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, níveis de mestrado e doutorado, que vem propiciando investigações sobre os processos e sistemas visuais e as questões relacionadas com educação e visualidade. O compromisso e a dedicação deste Programa com a qualidade da formação de docentes e pesquisadores em arte e cultura visual tem seu reconhecimento dentro e fora do país, o que vem propiciando, em particular, a discussão e a pesquisa sobre as práticas educativas e a qualificação dos profissionais do ensino de arte, especialmente na região Centro-Oeste.

2.2 Estrutura Administrativa e Acadêmica da FAV

I- Diretor

Raimundo Martins

II- Vice-Diretor

José César Teatine de S. Clímaco

III- Coordenação Administrativa

Márcia Veiga Bretones Garibaldi

- IV- **Secretaria Administrativa**
Fabrinne Guimarães G. Galvão
Liosmar Martins da Silva
Viviane Lis Mariano Mendes
- V- **Coordenações dos Cursos de Graduação**
Artes Visuais – bacharelado
Profa. Anahy Mendonça Jorge
Artes Visuais – licenciatura
Profa. Gisele Costa Ferreira da Silva
Design de Ambientes – bacharelado
Prof. Wagner de Souza Rezende
Design Gráfico – bacharelado
Prof. Wagner Bandeira da Silva
Design de Moda – bacharelado
Prof. Quéfren Crillanovick
Arquitetura e Urbanismo – bacharelado
Prof. Bráulio Romeiro
Artes Visuais – licenciatura na modalidade à distância – UAB e PARFOR
Profa. Noeli Batista dos Santos
Artes Visuais – licenciatura na modalidade à distância –Pró-Licenciatura
Profa. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral
- VI- **Secretaria das Coordenações dos Cursos de Graduação**
Alcione Oliveira de Melo
Euler de Oliveira Araújo
Ernani Vieira Borges Neto
Nílauder Guimarães Alves
Sibele Aparecida de Melo Fernandes
- VII- **Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado e Doutorado**
Coordenadora
Profa. Alice Fátima Martins
Subcoordenadora
Prof. Cleomar de Sousa Rocha
- VIII- **Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual**
Alzira Martins Prado
Arlete Maria de Castro
- IX- **Programa de Pós-Graduação Projeto e Cidade – Mestrado**
Coordenador
Prof. José Artur D'Aló Frota
Subcoordenadora
Prof. Adriana Mara Vaz Oliveira
Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
Alzira Martins Prado
Arlete Maria de Castro
- X- **Laboratório de Audiovisual e Informática – LAI e Site da FAV**
Assessoria em Tecnologia de Informação e Audiovisual
Ênia Almeida Moraes
Renato Cirino Machado Alves Pereira
Wilder Fioramonte

Núcleo Editorial - Coordenadora
Prof^a. Rosana Horio Monteiro

Programadora Visual
Cátia Ana Baldoino da Silva

Assistente Administrativo
Lenice Marques Teixeira

XI- **Galeria da FAV**
Coordenação
Prof^a. Maria Cecília Fittipaldi Vessani
Servidora responsável
Rejane Ribeiro da Silva

XII- **Sala de Leitura**
Coordenação
Prof. Adair Marques Filho
Servidora responsável
Maria Margarete da Silva

XIII- **Projeto Arte na Escola**
Coordenação
Prof^a. Lilian Ücker Perotto
Servidor responsável
Renato Malta Ribeiro

XIV- **Salas – Laboratórios – Ateliês**
12 salas administrativas
1 sala de professores
1 sala de estágio
1 sala de reuniões
4 Gabinetes para professores
5 Salas de aulas com pranchetas
7 Salas de aulas com carteiras
1 Auditório com 78 lugares
1 Ateliê de moda
1 Ateliê de pintura
1 Ateliê de desenho
1 Ateliê de escultura
1 Ateliê tridimensional
1 Ateliê de gravura
Laboratório de informática (LAI)
Laboratório de informática / Arquitetura
Laboratório da EAD
Laboratório de Fotografia
Laboratório de informática da Pós-Graduação
Galeria da FAV
Sala de Leitura

XV- **Contatos**
Direção da FAV
Telefones: (62) 3521 1444 – (62) 3521 1158
Secretaria Administrativa
Telefone: (62) 3521 1159 – FAX: 62 3521 1361

Secretaria das Coordenações dos Cursos de Graduação

Telefones: (62) 3521 1127 – (62) 3521 1241

Secretaria EAD

Telefone: (62) 3521 1382

Secretaria Programa de Pós-Graduação

Telefone: (62) 3521 1440.

2.3 Projetos de Formação de Professores na FAV

A formação de professores de Artes Visuais no Estado de Goiás teve início na UFG em 1974, com a criação do curso de Licenciatura em Desenho e Plástica (Resolução UFG/CCEP nº 200). Dentre os fatores que motivaram essa iniciativa da Universidade, destaca-se a importância da qualificação dos profissionais da educação responsáveis pelo ensino de arte, conforme os preceitos da legislação educacional com a Lei Nº 5.692/71, que fixaram as “Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º Graus” para a educação escolar no Brasil. A partir dessa época, afirmando seu compromisso e a responsabilidade com a formação de professores, como instituição pública e gratuita, a UFG tem empenhado esforços para atender a demanda de instituições da rede de ensino, no âmbito Estadual e Municipal, que prescindem dos profissionais do magistério na área de Arte, em particular, Licenciados em Artes Visuais.

Desde a implantação da licenciatura em Artes Visuais na FAV, diferentes projetos de cursos de graduação foram desenvolvidos e reformulados na instituição. A Licenciatura em Desenho e Plástica, criada em 1974, em atendimento às exigências do Parecer Nº 1.539/76 do Conselho Nacional de Educação, foi reformulada como Licenciatura em Educação Artística no ano de 1984 (Resolução UFG/CCEP nº 200/1984), com base numa formação polivalente de ensino de Arte, com as habilitações em Música, Desenho e Artes Plásticas.

Posteriormente, em 1992, com uma nova reformulação (Resolução UFG/CCEP nº 333/1992), o Curso de Licenciatura em Educação Artística manteve as habilitações em Música e Artes Plásticas. Essa proposta funcionou durante o período de divisão do Instituto de Artes em duas unidades acadêmicas, no ano de 1996, quando foram instituídas a Faculdade de Artes Visuais (FAV) e a Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da UFG.

Com a proposta de reformulação curricular em 2000, visando superar a perspectiva de polivalência do projeto anterior, ocorre uma significativa mudança de referencial com a implantação do Curso de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura (Resolução UFG/CEPEC nº 518). Essa reformulação de curso ocorreu com o intuito de atualizar as diretrizes da formação profissional, respondendo às mudanças e aos desafios vividos pela educação brasileira, em especial, em relação ao ensino na área de arte.

Em 2006 encaminha-se uma nova reformulação curricular, que vigora atualmente na FAV, a qual “fixa o currículo pleno do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, para os alunos ingressos a partir de 2004 e os veteranos que optarem pela nova estrutura curricular” (Resolução UFG/CEPEC nº 804). A formulação dessa proposta favoreceu a adequação do curso ao sistema semestral, conforme o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação (RGCG) da UFG, aprovado com a Resolução CONSUNI nº 06/2002. Além disso, com base nos preceitos que definem a missão institucional da UFG e nos paradigmas atuais de ensino e aprendizagem em artes, esta proposta de curso tem contribuindo de forma efetiva com a qualificação profissional de professores de artes visuais para a educação básica, os quais, de maneira significativa, têm assumido a responsabilidade com o processo de transformação e desenvolvimento do campo educacional, artístico e cultural, em particular, das escolas públicas da região centro-oeste.

O ano seguinte, 2007, é marcado pela entrada da Licenciatura em Artes Visuais da FAV na modalidade de ensino à distância. Através da Resolução CEPEC Nº 837 é fixado o currículo pleno do Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Modalidade a Distância – Universidade Aberta do Brasil (UAB), para os alunos ingressos a partir de 2007, em acordo com os Decretos 5.622, 5.773 e 6.303, que regulamentam a educação a distância no Brasil, caracterizando-a como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

2.4 Justificativa da Reformulação Curricular

As mudanças que caracterizam a educação escolar nos últimos anos, em particular, as transformações e os desafios em relação às condições e às práticas de ensino e aprendizagem das Artes Visuais, apresentam-se como fator significativo à avaliação e à reformulação do projeto curricular da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial, em andamento na FAV.

O intuito desta reformulação curricular decorre, sobretudo, da necessidade de certos ajustes no atual projeto pedagógico da licenciatura em Artes Visuais, considerando as demandas, as alternativas e os desafios de nossa realidade educacional, assim como, a coerência e atualidade do projeto de graduação com os preceitos legais e as políticas de educação em vigor no país, em especial, quanto à qualidade da formação, profissionalização e atuação docente em Artes Visuais.

Considerando o quantitativo elevado de professores leigos que ainda ministram as aulas de Arte na educação básica no Estado de Goiás, em geral, professores formados em áreas diversas e sem uma devida qualificação em Artes Visuais, faz-se premente tanto a ampliação das vagas nos cursos ofertados na região, quanto o maior número de concluintes na licenciatura em Artes Visuais em andamento na instituição. A reformulação do atual projeto de curso visa, sobretudo, otimizar o processo de ingresso e de permanência dos graduandos no curso, favorecendo as condições para uma formação de qualidade que propicie a inserção, a atuação crítica e a permanência destes profissionais no campo educacional, o que certamente contribuirá para uma devida valorização do ensino e da aprendizagem de conhecimentos em Arte na educação básica.

As discussões e as avaliações elaboradas sobre o atual projeto de curso da licenciatura em Artes Visuais, encaminhadas nos últimos anos dentro e fora da FAV, com a participação de docentes e graduandos, entidades e setores organizados de profissionais da área, instituições de ensino e organismos governamentais, indicam a necessidade de revisão de aspectos importantes do projeto curricular vigente na instituição. Dentre os fatores que motivam essa reformulação curricular, em consonância com as proposições legais e os referenciais acumulados pelos profissionais da área, destacam-se:

- a) atualização do projeto curricular do curso em atendimento às orientações expressas na Resolução CNE/CES nº 1/2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, e o Parecer CNE/CES nº 280/2007, que orienta e fundamenta os princípios e as diretrizes dos cursos de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura, tendo em vista que estas normativas foram aprovadas posteriormente à proposta de curso em vigor na FAV, conforme define a Resolução UFG/CEPEC nº 804/2006;
- b) aprofundamento de experiências e projetos que propiciem a formação da sensibilidade, criatividade e criticidade dos graduandos, favorecendo a inter-relação e a contextualização dos conhecimentos teóricos e práticos da área, de modo a contribuir com o processo de formação de docentes atualizados com as proposições, as tecnologias e os desafios da realidade atual;

- c) aperfeiçoamento da formação do professor-artista com base numa consistente formação teórica e prática no campo da produção cultural e artística, mediante exercícios, práticas, pesquisas e criações em artes visuais, em disciplinas, atividades e oficinas ministradas no decorrer de todo o curso, diferentemente do que ocorre no projeto de curso em vigor, no qual as disciplinas práticas são ministradas na primeira metade do curso;
- d) favorecimento da mobilidade do estudante por diferentes cursos/disciplinas no interior da universidade mediante o aumento da carga horária das disciplinas de núcleo livre ofertadas pelos cursos afins à área de Artes Visuais;
- e) realização de mudanças significativas na dinâmica e proposta curricular do curso de Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial, como: i) maior integração de projetos e disciplinas das matrizes curriculares da Licenciatura e do Bacharelado em Artes Visuais, mediante as ações conjuntas de docentes e estudantes, favorecendo o aprofundamento e o desenvolvimento de pesquisas teóricas e artísticas; ii) atualização e/ou criação de ementas e bibliografias básica e complementar das disciplinas; iii) introdução de novas disciplinas, como as disciplinas *Pedagogias de Fronteira, Estudos Críticos e Educação, Cinema, Arte e Educação, Estudos Culturais e Ensino de Arte, Narrativas e Jogos Digitais, Organização do Trabalho Intelectual e Laboratório de Projeto e Produção Artística*; iv) maior integração entre os docentes e as propostas de curso das Licenciaturas em Artes Visuais em desenvolvimento na instituição, na modalidade presencial e a distância; v) reformulação da proposta de pesquisa e orientação em Trabalho de Conclusão de Curso, com ampliação da carga horária da disciplina, antecipação de seu início no curso e maior autonomia entre orientadores e graduandos no processo de realização dos projetos; vi) aumento da carga horária e mudança da ementa e dinâmica de desenvolvimento da disciplina de Estágio Supervisionado, visando uma relação mais propositiva e colaborativa com as escolas/campo de estágio e uma atuação mais intensa e significativa dos estagiários em seu processo de formação profissional para o magistério em Artes Visuais.

Além destes fatores, o presente projeto pedagógico de curso se faz embasado nas conquistas gestadas historicamente por arte-educadores nos contextos nacional e internacional, nas reflexões, debates e lutas dos profissionais da área pelas condições de trabalho, remuneração digna e a qualidade do ensino de Arte na educação escolar.

Ademais, as referências legais e as normativas que foram aprovadas nos últimos anos no Brasil, são fatores que justificam e fundamentam a reformulação do projeto curricular da licenciatura em Artes Visuais em vigor na FAV/UFG, merecendo destaque os seguintes documentos:

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Parecer CNE/CEB nº 4, de 29 de janeiro de 1998

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

Resolução CNE/CEB nº 2, de 7 de abril de 1998

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999

Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de educação Ambiental e dá outras providências.

Decreto nº 3.860, de 9 de julho de 2001

Dispõe sobre a organização do ensino superior, a avaliação de cursos e instituições, e dá outras providências.

Parecer CNE/CP nº 28, de 8 de maio de 2001.

Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena

Parecer CNE/CP nº 9, de 8 de maio de 2001.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena

Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

Resolução CNE/CP nº 2, de 18 de fevereiro de 2002

Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

Parecer CNE/CP nº 3, de 10 de março de 2004

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Portaria MEC nº 4.059, de 10 de dezembro de 2004

Regulamenta a oferta de disciplinas na modalidade semipresencial.

Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de novembro de 2005

Altera a Resolução CNE/CP nº 1/2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura de graduação plena.

Decreto Nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005

Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB)

Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005

Regulamenta a Disciplina obrigatória/optativa de Libras.

Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006

Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.

Parecer CNE/CES nº 280, de 6 de dezembro de 2007

Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura.

Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007

Altera dispositivos dos Decretos nos 5.622, de 19 de dezembro de 2005, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 5.773, de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.

Portaria nº 40, de 13 de dezembro de 2007

Institui o e-MEC, sistema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações relativas aos processos de regulação da educação superior no sistema federal de educação.

Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Dispõe sobre a Lei do Estágio de Estudantes e dá outras providências.

Resolução CNE/CES nº 1, de 16 janeiro de 2009

Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências.

Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009.

Institui a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências.

Portaria nº 10, de 02 de julho de 2009

Fixa critérios para dispensa de avaliação *in loco* e dá outras providências.

Resolução CONAES nº 1, de 17 de junho de 2010

Normatiza o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e dá outras providências.

Parecer CNE/CEB nº 7, de 7 de abril de 2010

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010

Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

Parecer CNE/CEB nº 11, de 7 de julho de 2010

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010

Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

Parecer CNE/CEB nº 5, de 5 de maio de 2011

Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012

Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012

Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Estatuto e Regimento Geral da Universidade Federal de Goiás

Reeditado com as alterações aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (Parecer CNE/CES nº 219/2002) e pelo Ministro da Educação (Portaria nº 522/2003).

Resolução UFG/CEPEC nº 631, de 14 de outubro de 2003

Define a política da UFG para a Formação de Professores da Educação Básica.

Resolução UFG/CONSUNI nº 06, de 20 setembro de 2002

Aprova o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG da Universidade Federal de Goiás e revoga as disposições em contrário.

Resolução UFG/CONSUNI nº 11, de 24 de outubro de 2004

Altera dispositivos do Anexo da Resolução CONSUNI 06/2002, que dispõe sobre o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação – RGCG da Universidade Federal de Goiás.

Resolução UFG/CEPEC nº 731, de 5 de julho de 2005

Define a política de estágios da UFG para a formação de professores da Educação Básica.

Regimento Interno da Faculdade de Artes Visuais

Aprovado pelo Conselho Diretor da FAV.

Plano de Desenvolvimento Institucional 2011-2015

Universidade Federal de Goiás, 2010.

3 OBJETIVOS DO CURSO

O curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG tem os seguintes objetivos:

- a) Propiciar formação e bases ético-profissionais para atuação como professor/a de Artes Visuais;
- b) Proporcionar pesquisa, discussão e estudo de teorias e práticas da arte e da arte-educação, referenciando-se criticamente em relação à sociedade, à educação, às instituições educativas e ao papel do/a educador/a em seus aspectos educacionais, político-filosóficos, socioculturais e históricos;
- c) Propor formas de articulação entre a Universidade, as instituições educativas e as comunidades, mediante o conhecimento, a reflexão e a divulgação da produção teórica e prática no campo da cultura, educação e arte;
- d) Contribuir para a melhoria da qualidade da educação escolar, especificamente, do ensino das Artes Visuais;
- e) Viabilizar a formação cultural, artística, científica, tecnológica e profissional do/a graduando/a para atuar na gestão, planejamento, execução e avaliação do processo educativo;
- f) Promover a autonomia intelectual e a capacidade crítica e flexível do/a arte-educador/a em relação às contradições do mundo do trabalho e a diversidade cultural, tecnológica, social e profissional;
- g) Propiciar a pesquisa como uma dimensão da formação e do trabalho docente;
- h) Aperfeiçoar as formas de trabalho colaborativo, inclusivo, interdisciplinar e coletivo, considerando diferentes contextos e possibilidades educacionais;
- i) Incentivar a produção de materiais, metodologias e estratégias de apoio à prática docente e o uso de equipamentos e meios de informação e comunicação significativos ao processo de ensino-aprendizagem.

4 PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

4.1 Prática Profissional

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais tem disciplinas cujo conteúdo estão organizados em eixos temáticos – Produção e Criação Artística; Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais; Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica da Artes Visuais na Educação; e Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais – com o fim de propiciar conhecimentos que projetem uma visão ampla de educação e produção artístico-cultural, comprometida com a ética e com os contextos e processos educativos criados pela sociedade contemporânea. Assim, o licenciando em Artes Visuais deverá ser capaz de lançar olhares diferenciados sobre relações entre arte, sujeitos, contextos, aprendizagem e ensino. O estudo de tais disciplinas proporcionará ao estudante deste curso não só o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, mas permitirá produzir e mediar conhecimentos na área de Artes Visuais, Cultura Visual e seu ensino, de forma crítica e reflexiva, contribuindo para uma prática que vá além de uma profissionalização disciplinar e técnica. Deste modo, objetiva-se contribuir para uma prática onde o futuro professor construa sua identidade profissional nos termos do docente crítico-reflexivo, que desenvolva uma atividade constante de reflexão crítica como base da ressignificação do próprio processo de formação e que construa diálogos entre o saber próprio e o saber dos demais, com a finalidade de gerar saberes e conhecimentos compartilhados.

4.2 Formação Artística, Social, Cultural, Ética e a Função Social do Profissional

O curso de Licenciatura em Artes Visuais procura ultrapassar a mera formação profissional para superar os estritos limites disciplinares e oferecer uma formação mais ampla que envolva tanto questões culturais, sociais, econômicas e éticas, como conhecimentos sobre a própria docência. Desse modo, além da formação específica relacionada com os conteúdos curriculares, o curso propõe ter como orientação o inter-relacionamento de outros conhecimentos relativos à realidade social, às questões da ética, às múltiplas expressões artísticas com a finalidade de possibilitar aos alunos a construção de significados e a necessária aprendizagem de participação social, contemplando com isso conteúdos que permitam analisar valores e atitudes. Ou seja, não basta tratar conteúdos de natureza conceitual e/ou procedimental, é imprescindível que o futuro professor desenvolva a compreensão da natureza de questões sociais, dos debates atuais sobre elas, alcance clareza sobre seu posicionamento pessoal e conhecimento de como trabalhar com os alunos.

4.3 Articulação Entre Teoria e Prática

As disciplinas ofertadas pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais proporcionam uma formação teórico-prática permitindo que os componentes curriculares sejam trabalhados sob diferentes configurações e propostas metodológicas, tentando com isso eliminar distorções decorrentes da priorização de um dos polos - teoria ou prática.

Objetiva-se o entendimento que todas as disciplinas estejam abertas para prever situações teórico-práticas para que os futuros professores coloquem em uso os conhecimentos construídos, ao mesmo tempo em que possam mobilizar outros de diferentes naturezas e oriundos de diferentes experiências, tempos e espaços curriculares.

Com base no Parecer CNE/CP 9/2001, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, entende-se:

O princípio metodológico geral é de que todo fazer implica uma reflexão e toda reflexão implica um fazer, ainda que nem sempre este se materialize. Esse princípio é operacional e sua aplicação não exige uma resposta definitiva sobre qual dimensão – a teoria ou a prática – deve ter prioridade, muito menos qual delas deva ser o ponto de partida na formação do professor. Assim, no processo de construção de sua autonomia intelectual, o professor, além de saber e de saber fazer deve compreender o que faz.

Na realização do curso, objetiva-se a promoção da articulação teoria-prática

numa perspectiva interdisciplinar, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão para compreender e atuar em situações contextualizadas, tais como o registro de observações realizadas e a resolução de situações-problema características do cotidiano profissional (Parecer CNE/CP 9/2001).

Neste sentido, integrar teoria e prática é condição fundamental à prática docente, mediante processos de ensino-aprendizagem que articulam objetivos, conhecimentos, procedimentos pedagógicos. É essencial à atividade docente ter uma prática que corresponda à teoria estudada, segundo a qual o aprender remete imediatamente ao fazer. Os processos de ensino-aprendizagem adotados pelo Curso apresentam uma diversidade decorrente da natureza dos conteúdos ministrados, mas também pela forma experimental e inovadora que se pretende implementar nesta proposta. Levando em consideração esta premissa, a prática na matriz curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais não fica reduzida a um espaço ou disciplina isolada, como por exemplo, em disciplina de estágio supervisionado. Esta deixa de ser compreendida como algo fechado em si mesmo e desarticulado do restante do curso e passa a dialogar com outras disciplinas, favorecendo uma fundamentação contextualizada do campo artístico e educacional.

4.4 Interdisciplinaridade e Temas Transversais

A interdisciplinaridade na Licenciatura em Artes Visuais pode ser entendida como uma abordagem teórico-metodológica em que a ênfase recai sobre o trabalho de integração de diferentes disciplinas, ou seja, que prevê um trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento compartilhado. Mediante a interdisciplinaridade o conhecimento passa de algo setorizado para um conhecimento complexo e integrado, um campo no qual as disciplinas podem interagir entre si, superando as formas tradicionais e fragmentadas de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Trabalhar a partir da interdisciplinaridade significa interagir, trocar dados, resultados e, principalmente, promover o diálogo entre saberes, práticas e todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

O desenvolvimento do curso, desde o seu primeiro período, possibilita a prática da interdisciplinaridade, iniciando no planejamento pedagógico e na integração dos conteúdos programáticos dos planos de ensino, passando pela realização de trabalhos e atividades comuns entre disciplinas do mesmo período e podendo culminar com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e em situações educativas do Estágio Supervisionado.

Neste projeto, os componentes curriculares relacionados com Educação Ambiental, Educação em Direitos Humanos, Educação Especial e Educação das Relações Étnico-Raciais serão abordados de modo transversal, ou seja, os conteúdos desses componentes curriculares passarão por diferentes disciplinas, competências, materiais didáticos, atitudes e atividades acadêmicas na Universidade, visando propiciar uma formação e qualificação profissional coerente com os desafios da atualidade.

5 EXPECTATIVA DA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL

5.1 Perfil do Curso

A concepção do Curso de Licenciatura em Arte Visuais está pautada na formação de profissionais capazes de atuarem eficazmente, no contexto contemporâneo, na correlação educação e visualidades, de forma a compreender e interagir criticamente com as diversas manifestações artístico-visuais e entendê-las como fruto de determinados aspectos da arte e da cultura.

Além da formação específica para a educação básica, o curso preocupa-se com a formação de profissionais aptos a atuarem em instituições culturais, tais como museus, galerias, casas de cultura, organizações não-governamentais e outras situações onde a arte tenha um papel sócio-pedagógico importante a ser explorado.

Para tanto, o curso promove a formação em diálogo com as teorias pedagógicas e enfatiza o desenvolvimento do conhecimento nas áreas específicas da arte, da cultura visual, história e estética da arte, pesquisa, produção artística e mídias contemporâneas, valorizando a formação no campo das visualidades e permitindo definir um perfil de arte-educador capacitado a atuar efetivamente nos contextos contemporâneos do ensino da arte.

O projeto pedagógico do curso busca valorizar a formação de atitudes de reflexão, de busca de inovações, de prospecção e criação de caminhos próprios que possam suprir as necessidades e permitir a atuação nos processos operacionais e decisórios sob a égide do conhecimento, da ética, da cidadania e da humanidade.

Neste projeto de curso possibilita-se também o diálogo entre as graduações ofertadas na Faculdade de Artes Visuais, em especial, a Licenciatura em Artes Visuais (nas modalidades presencial e à distância) e o Bacharelado em Artes Visuais (modalidade presencial), permitindo-se o intercâmbio entre ações artístico-educativas, projetos de pesquisa e extensão, e, quando possível, entre as disciplinas – as quais, com equivalência de carga horária, período e conteúdo, compatíveis com o curso.

5.2 Perfil do Egresso

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais formará profissionais capazes de:

- I- propor, conduzir e avaliar processos de percepção, produção, pesquisa, criação, apreciação, crítica e ensino das Artes Visuais;
- II- compreender as especificidades do trabalho educativo e artístico, mediante a formação e o aperfeiçoamento de atitudes, habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais;
- III- elaborar e organizar conteúdos e práticas de ensino e aprendizagem para diferentes contextos, etapas e modalidades da educação básica;
- IV- desenvolver sua atuação tendo como base uma consistente formação em Arte e Ensino de Arte e uma visão sistêmica e holística da sociedade e do mundo contemporâneo, que o habilite a compreender o meio social, político, econômico, tecnológico e cultural onde está inserido, a tomar decisões em um contexto diversificado e interdependente e a refletir criticamente o seu papel como construtor de narrativas;
- V- contribuir com a elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição em que atuar;
- VI- propiciar consistente formação artística, cultural e científica para atuar nos contextos pedagógicos formais e não-formais;
- VII- privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética mediante o conhecimento de estilos, tendências, obras e outras especificidades das criações visuais;
- VIII- atuar de forma interdisciplinar, compreendendo a necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional e do desenvolvimento da autoconfiança;
- IX- Desenvolver a capacidade de internalizar valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional.

5.3 Competências e Habilidades do Egresso

O curso de Licenciatura em Artes Visuais deverá possibilitar aos egressos a formação profissional que revele as competências e habilidades para:

- I- interagir com as manifestações culturais da sociedade da qual toma parte, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, transmissão e recepção do fenômeno visual;
- II- desenvolver pesquisa científica, artística e tecnológica em Artes Visuais, objetivando a criação, a produção, a compreensão, a crítica, a difusão, o ensino e o desenvolvimento da cultura visual;
- III- atuar, de forma significativa, nas manifestações da cultura visual, instituídas ou emergentes;

- IV- compreender o papel social das instituições educativas e os valores inspiradores da sociedade democrática;
- V- atuar em diferentes espaços educacionais e culturais, especialmente em articulação com instituições de ensino da Educação Básica e específicas de Artes Visuais, demonstrando domínio do conhecimento artístico e pedagógico que será socializado, capacidade para elaborar os significados em diferentes situações e realizar a articulação interdisciplinar;
- VI- estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, meio de expressão e comunicação, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais;
- VII- compreender e usar as diferentes linguagens visuais como representação simbólica de culturas locais, regionais e nacionais, propiciando reflexão sobre a identidade como processo em construção;
- VIII- refletir sobre as artes visuais, suas linguagens, códigos e relações com a contemporaneidade e suas necessidades educacionais;
- IX- compreender a construção do imaginário coletivo como elemento representativo das culturas de cada época e de suas visualidades;
- X- aprimorar os processos de investigação e desenvolvimento profissional que possibilitem o aperfeiçoamento da prática artística e pedagógica, tendo por base princípios, conhecimentos, tecnologias e procedimentos acadêmicos.

6 ESTRUTURA CURRICULAR

A proposta curricular da Licenciatura em Artes Visuais, com base nos referidos princípios e nas expectativas de formação, visa atender às exigências e os desafios do contexto artístico e educacional atual, na perspectiva da melhoria da qualidade da formação e da atuação dos profissionais da educação, especificamente, os educadores responsáveis pelo ensino-aprendizagem da Arte. A qualidade desta formação requer uma proposta curricular que articule contínua e sistematicamente processos de produção, reflexão, vivência e crítica em arte e educação, favorecendo a integração entre estudantes, professores, instituições educativas e sociedade.

A complexidade que caracteriza o atual panorama sociocultural e artístico, dentro e além das fronteiras do país, demanda uma formação que combine competência profissional com autonomia intelectual. Nessa perspectiva, na definição de conteúdos curriculares desta proposta considera-se o fenômeno educacional e visual a partir de seus processos de instauração, determinação, transmissão, recepção e significação, favorecendo uma compreensão multidimensional da práxis artístico-pedagógica, a qual se fundamenta em aspectos crítico-conceituais, históricos, educacionais, sociológicos, psicológicos, filosóficos, artísticos e tecnológicos.

Com o objetivo de favorecer tal formação, a presente proposta está pautada numa relação de equilíbrio entre aprofundamento e abrangência de conhecimentos, coerente com a formação inicial e as condições necessárias à qualidade da atuação do profissional do ensino de Arte.

A matriz curricular do curso está estruturada em oito semestres letivos, podendo contemplar outras atividades acadêmicas organizadas, divulgadas e realizadas entre os referidos semestres, como disciplinas de inverno e verão – nas modalidades presencial e à distância –, atividades científicas, culturais e acadêmicas, atividades complementares regularmente cadastradas, as quais, em conformidade com as normativas e o calendário acadêmico da instituição.

A indicação e definição das disciplinas nos semestres letivos têm como premissa a coerência na interrelação e sequência dos objetivos, conteúdos e metodologias das respectivas disciplinas. No entanto, considerando o regime de matrícula por disciplina no sistema de graduação da UFG, é possível ao graduando a construção de um percurso curricular diferenciado, que atenda determinada necessidade e/ou interesse pessoal, sem prejuízo para a formação profissional.

As disciplinas que compõem a matriz curricular do curso estão dinâmica e organicamente articuladas, sendo esta formalizada por eixos temáticos, níveis e núcleos específicos de estudo.

6.1 Eixos Temáticos

Nesta proposta, destacam-se quatro eixos temáticos, aos quais vinculam-se as disciplinas obrigatórias constantes na Matriz Curricular do curso:

- I- Eixo de Produção e Criação Artístico-Visual (PCA) - é constituído por técnicas, reflexões, pesquisas, experimentações, criações, referências, processos e produções artísticas, mediadas por projetos e construções individuais e/ou coletivos em Artes Visuais, que propiciam a prática e a compreensão dos processos construtivos em Arte;
- II- Eixo de Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais (FHS) - tem como centralidade a discussão, inter-relação e contextualização dos aspectos históricos, estéticos, representacionais, críticos e socioculturais da arte e de seus sujeitos num determinado tempo e espaço;
- III- Eixo de Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação (FSP) - enfoca os fundamentos socioculturais, históricos, psicológicos, organizacionais e pedagógicos de ensino e aprendizagem da Arte na contemporaneidade, com ênfase sobre as teorias, legislações, metodologias, tecnologias e discussões que fundamentam as Artes Visuais na educação, tendo por referência os aspectos multi e interculturais da realidade atual e da educação brasileira;
- IV- Eixo de Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais (PEP) - é formado pela inter-relação entre teorias e práticas que propiciam a formação artístico-pedagógica e a profissionalização de educadores/as em Artes Visuais, mediante processos de observação, acompanhamento, investigação, análise, estruturação e desenvolvimento de projetos pedagógicos em contextos educacionais diferenciados, os quais, deverão propiciar ações pedagógicas em espaços formais e não-formais, enfatizar as discussões e concepções interdisciplinares sobre as questões socioculturais, artísticas e educacionais contemporâneas, estimular a pesquisa e a ética profissional como princípio do trabalho docente, favorecer a realização e sistematização de projetos inovadores no ensino-aprendizagem das Artes Visuais.

6.2 Núcleos da Estrutura Curricular

Em conformidade com os dispositivos legais e regimentais da UFG, as disciplinas que integram este projeto de curso compõem os Núcleos Comum, Específico e Livre, os quais

se articulam a partir dos seguintes princípios e disciplinas (ver indicações no item quadro 6.7 Matriz Curricular da Licenciatura em Artes Visuais):

- I- Núcleo Comum (NC) – Este núcleo é composto por disciplinas que abordam teórica e historicamente as práticas e produtos artísticos como objetos de conhecimento, refletem sobre a produção artístico-visual e desenvolvem a investigação de suas práticas sob perspectivas estéticas e socioculturais, sendo estas comuns aos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, ministrados na FAV;
- II- Núcleo Específico (NE) – Este núcleo compõe-se de disciplinas que articulam a teorização e a práxis artística, a contextualização e investigação da educação e as práticas pedagógicas em artes visuais. O estudo de processos e procedimentos de ensino e pesquisa em arte intensifica a articulação de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à formação e atuação do profissional do ensino de Artes Visuais. Este núcleo é constituído por disciplinas obrigatórias e eletivas – estas últimas, opcionais e ofertadas regularmente no sistema de graduação da UFG;
- III- Núcleo Livre (NL) – Compõe-se do conjunto de conteúdos voltados para as diversas áreas de conhecimento, com o objetivo de garantir liberdade ao aluno para ampliar e/ou complementar sua formação e deverá ser composto por disciplinas eletivas por ele escolhidas dentre todas as oferecidas nessa categoria no âmbito da universidade, respeitados os pré-requisitos e os preceitos regulamentares. As disciplinas do Núcleo Livre poderão ser oferecidas e cursadas nos turnos matutino, vespertino e noturno, em diversos cursos de graduação da instituição, conforme a disponibilidade de oferta em cada semestre pelo Sistema Acadêmico de Graduação (SAG) da UFG.

6.3 Atividades Complementares de Caráter Acadêmico, Científico e Cultural

As atividades acadêmicas, científicas e culturais que, pela sua natureza, contribuam para aperfeiçoar, enriquecer e complementar o trabalho acadêmico de formação no Curso de Licenciatura em Artes Visuais serão integradas, acompanhadas, apoiadas e computadas como componentes curriculares formativos do Curso. Essas atividades fazem parte do processo de formação docente, mas de forma aberta, sem predeterminação na proposta curricular. A busca por cursos de extensão e outras atividades afins à formação acadêmica, visa promover tanto o aprofundamento na área de estudo como a busca de interconexões com outras áreas de conhecimento, complementando os conteúdos das disciplinas que compõem a matriz curricular.

A carga horária de atividades complementares para a integralização curricular deverá totalizar, no mínimo, 300 (trezentas) horas, as quais incluem a participação dos acadêmicos em conferências, seminários, *workshops*, festivais, salões de arte, arquitetura ou design, monitorias em eventos ou exposições, atividades ou projetos de extensão, pesquisa ou outras que contribuam para os objetivos aos quais o curso se propõe.

As atividades complementares poderão ser oferecidas pela Faculdade de Artes Visuais e por instituições afins. A validação e o registro de hora complementar dar-se-á mediante apresentação, pelo/a aluno/a, de um comprovante autêntico e assinado de sua participação na referida atividade, no qual conste a carga horária e outros dados pertinentes. Na computação das horas serão considerados os critérios e as horas descritas na Tabela de Valores disponível na Coordenação do Curso.

6.4 Prática Como Componente Curricular (PCC)

A Resolução CNE/CP 2/2002, ao instituir a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura para a formação de professores da Educação Básica, define que a prática como componente curricular deve ser efetivada mediante a articulação teoria-prática dos componentes comuns, os quais serão vivenciados ao longo do curso e integralizados, no mínimo, em 400 (quatrocentas) horas.

Quanto à concepção de prática como componente curricular, diz o Parecer CNE/CP 9/2001:

Uma concepção de prática mais como componente curricular implica vê-la como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional.

Na Resolução CNE/CP 1/2002, que institui as diretrizes para os cursos de formação de professores em nível superior, adota-se o entendimento que a prática não pode ocorrer de modo desarticulada na matriz curricular do curso ou restringir-se ao estágio curricular. Define-se que prática como componente curricular (PCC) “deverá estar presente desde o início do curso e permear toda a formação do professor”, articulando-se “no interior das áreas ou das disciplinas que constituírem os componentes curriculares de formação”, tanto em relação às disciplinas pedagógicas como nas demais que compõem a matriz curricular. Além disso, segundo esta Resolução:

Art. 13. Em tempo e espaço curricular específico, a coordenação da dimensão prática transcenderá o estágio e terá como finalidade promover a articulação das diferentes práticas, numa perspectiva interdisciplinar.

§ 1º A prática será desenvolvida com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, visando à atuação em situações contextualizadas, com o registro dessas observações realizadas e a resolução de situações-problema.

§ 2º A presença da prática profissional na formação do professor, que não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudo de casos.

Neste Projeto da Licenciatura em Artes Visuais, em conformidade com os preceitos legais, a PCC se caracteriza por práticas desenvolvidas com bases teóricas e pedagógicas relacionadas com realidades educacionais efetivas, portanto, condizentes com as necessidades educativas e os interesses dos futuros professores de Artes Visuais.

A PCC será desenvolvida com o objetivo de propiciar a melhoria da qualidade do processo de formação dos graduandos, mediante atividades, experimentações, vivências, reflexões, problemáticas e práticas que favoreçam um conhecimento significativo, consistente e propositivo sobre o ensino-aprendizagem das Artes Visuais.

Todos os eixos que compõem o curso terão suas disciplinas contempladas pela PCC, em especial, aquelas que compõem os eixos pedagógicos do curso. As atividades e a carga horária da PCC, que serão programadas e realizadas em determinadas disciplinas, terão que ser avaliadas periodicamente pelos respectivos professores e o Núcleo Docente Estruturante, sendo estas apreciadas e aprovadas pelo Conselho Diretor da FAV. No quadro da Matriz Curricular do Curso serão indicadas, com a respectiva carga horária, as disciplinas que desenvolverão a PCC, em conformidade com a legislação vigente.

6.5 Matriz Curricular da Licenciatura em Artes Visuais, modalidade presencial, da Faculdade de Artes Visuais da UFG

CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	CHTS	CHS	CHTS			PCC	PRÉ-REQUISITO	NATUREZA	NÚCLEO	UNIDADE ACADÊMICA
				TEO	PRA						
01	Introdução ao Desenho	64	4			64	16		Obrigatória	Comum	FAV
02	Introdução à Produção Tridimensional	64	4			64	16		Obrigatória	Específico	FAV
03	Poéticas Visuais Contemporâneas	32	2	12		20			Obrigatória	Comum	FAV
04	História da Arte: da Pré-História ao Barroco	64	4	64			16		Obrigatória	Comum	FAV
05	Fundamentos da Arte na Educação	32	2	20		12	8		Obrigatória	Específico	FAV
06	Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação	64	4	64					Obrigatória	Específico	FE
08	Desenho	64	4			64	16		Obrigatória	Específico	FAV
09	Formas Expressivas do Bi e Tridimensional	64	4			64	16		Obrigatória	Específico	FAV
10	História da Arte: do Neoclássico ao Pós-impressionismo	64	4	64			16		Obrigatória	Comum	FAV
11	Estudos Críticos e Educação	32	2	20		12	16		Obrigatória	Específico	FAV
12	Pedagogias de Fronteira	32	2	20		12	16		Obrigatória	Específico	FAV
13	Introdução ao Trabalho de Investigação	32	2	32			8		Obrigatória	Comum	FAV
14	História do Ensino das Artes Visuais no Brasil	32	2	32			16		Obrigatória	Específico	FAV
15	Gravura	64	4			64	16		Obrigatória	Específico	FAV
16	Fotografia	64	4			64	16		Obrigatória	Comum	FAV
17	Arte e Cultura Visual	32	2	20		12	8		Obrigatória	Comum	FAV
18	História da Arte: das Vanguardas Artísticas à Contemporaneidade	64	4	64			16		Obrigatória	Específico	FAV
19	Metodologias do Ensino de Arte	32	2	20		12			Obrigatória	Específico	FAV
20	Políticas Educacionais do Brasil	64	4	64			16		Obrigatória	Específico	FE
21	Pintura	64	4			64	16		Obrigatória	Comum	FAV
22	Cultura Popular e Arte	32	2	20		12	8		Obrigatória	Específico	FAV

23	História da Arte no Brasil e na América Latina	64	4	64		16	Obrigatória	Específico	FAV
24	Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico	64	4	64		16	Obrigatória	Específico	FE
25	Psicologia da Educação I	64	4	64		16	Obrigatória	Específico	FE
26	Pesquisa em Ensino de Arte e Cultura Visual	32	2	20	12	8	Obrigatória	Específico	FAV
27	Cinema, Arte e Educação	64	4	22	42	16	Obrigatória	Específico	FAV
28	Compreensão e Interpretação da Imagem	32	2	20	12	16	Obrigatória	Específico	FAV
29	Cultura, Currículo e Avaliação em Arte	64	4	44	20	16	Obrigatória	Específico	FAV
30	Psicologia da Educação II	64	4	64		16	Obrigatória	Específico	FE
31	Estágio Supervisionado I	96	6		96		Obrigatória	Específico	FAV
32	Narrativas e Jogos Digitais	64	4	22	42	16	Obrigatória	Comum	FAV
33	Estudos Culturais e Ensino de Arte	32	2	20	12	16	Obrigatória	Específico	FAV
34	Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS	64	4		64	16	Obrigatória	Específico	FL
35	Estágio Supervisionado II	128	8		128		Obrigatória	Específico	FAV
36	Organização do Trabalho Intelectual	32	2	20	12		Obrigatória	Específico	FAV
37	Laboratório de Produção Artística I	64	4		64		Obrigatória	Comum	FAV
38	Estágio Supervisionado III	128	8		128		Obrigatória	Específico	FAV
39	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I	96	6	96			Obrigatória	Específico	FAV
40	Laboratório de Produção Artística 2	64	4		64		Obrigatória	Comum	FAV
41	Estágio Supervisionado IV	128	8		128		Obrigatória	Específico	FAV
42	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II	96	6	96		38	Obrigatória	Específico	FAV
LEGENDA: COD – Código da disciplina CHTS – Carga horária total semestral CHS – Carga horária semanal PCC – Carga horária da prática como componente curricular TEO – Carga horária teórica PRA – Carga horária prática				Natureza da disciplina: OBR – Disciplina obrigatória OPT – Disciplina optativa Núcleo da Estrutura Curricular: NC – Núcleo comum NE – Núcleo específico					

6.6 Carga Horária dos Núcleos, das Atividades Complementares e do Curso

Disciplinas do Núcleo Comum – Obrigatórias	608 horas
Disciplinas do Núcleo Específico – Obrigatórias	1888 horas
Disciplinas do Núcleo Livre – Optativas	256 horas
Atividades Complementares	300 horas
Carga Horária Total do Curso	3052 horas

6.7 Carga Horária das Disciplinas nos Eixos Temáticos

Produção e Criação Artístico-Visual	704 horas
Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais	384 horas
Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação	608 horas
Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais	800 horas

6.8 Ementário e Bibliografias Básica e Complementar

Eixo de Produção e Criação Artístico-Visual

INTRODUÇÃO AO DESENHO (4)

Ementa: Estudo do desenho a partir das noções de objeto, tempo e espaço, identificando e contextualizando conceitos, funções, seus elementos básicos e modos de representação. Experimentação de materiais, técnicas e processos.

Bibliografia Básica:

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. São Paulo: Scipione, 1994.

KANDINSKY, Wassily. Ponto e linha sobre plano: contribuição à análise dos elementos da pintura. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 206 p.

Bibliografia Complementar:

MASSIRONI, Manfredo. Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002.

OSTROWER, Fayga. Universo da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

WONG, Wulcius. Princípios de Forma e Desenho. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

INTRODUÇÃO À PRODUÇÃO TRIDIMENSIONAL (4)

Ementa: Elementos formais de formas bi e tridimensionais. Semântica dos materiais em seus processos de construção. Experimentação de processos criativos, em duas e três dimensões, com referências da escultura clássica às rupturas modernistas e ao campo expandido da escultura contemporânea.

Bibliografia Básica:

TUCKER, William. A linguagem da escultura. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

READ, Herbert Edward. A arte de agora: uma introdução a teoria da pintura e escultura modernas. São Paulo: Perspectiva, 1981.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP/ Annablume, 2004.

Bibliografia Complementar:

DERDYK, Edith. Linha de costura. São Paulo: Iluminuras, 1997.

LEENHARDT, J. Além da matéria: Brancusi e a fotografia. Porto arte. V.10, n.19, nov, 1999.

BIENAL DE ARTES VISUAIS DO MERCOSUL. História da Arte e do espaço: da escultura à instalação. Porto Alegre: Fundação de arte Visuais do Mercosul, 2005.

KRAUS, Rosalind. Caminhos da Escultura moderna. São Paulo: Martins fontes, 1998.

PEVSNER, Nikolaus. Os Pioneiros do Desenho Moderno. São Paulo: Martins Editora, 2002.

DESENHO (4)

Ementa: Exercícios de traço: representação gráfica pelo desenho de observação e de memória. Técnicas de desenho em materiais e formatos diversos. Arte e desenho.

Bibliografia Básica:

DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2003. 174 p.
GENET, Jean. O ateliê de Giacometti. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. 95 p.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 2002. 187 p.
GEORGE, Frederico. Ver Pelo Desenho. Editora: LIVROS HORIZONTE, 1997.

Bibliografia Complementar:

DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.
MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
FRANGE, L.B. P & VASCONCELLOS, L.G.F. Oficina de Desenho Urbano: Desenhando e Construindo a Cidade no Cerrado. Uberlândia, MG: PROEX, 2002.
EUVALDO, Célia. Célia Euvaldo. São Paulo, SP: CosacNaify, 2008.
SYLVESTER, David; BACON, Francis. Entrevistas com Francis Bacon: a brutalidade do fato. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

FORMAS EXPRESSIVAS DO BI E TRIDIMENSIONAL (4)

Ementa: Forma e expressão. Caracterização e expressão nos planos bi e tridimensional. Materiais e técnicas expressivas. Pensamento visual e espacial.

Bibliografia Básica:

BATTI, Bez. Cor e forma na escultura. Editora Valdir Ben, 2009.
READ, HERBERT. Escultura Moderna: uma história concisa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.
MORAIS, Frederico. Panorama das Artes Plásticas. Séculos XIX e XX. São Paulo : Instituto Cultural Itaú, 1989.

Bibliografia Complementar:

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo : Unesp, 1997.
KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins, 1998.
PILLAR, Analice Dutra. Desenho e Construção de Conhecimento na Criança. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1996.
RESTANY, Pierre. Os novos Realistas. São Paulo : Perspectiva, 1979.
SANS, Paulo de Tarso Cheida. Pedagogia do Desenho Infantil. São Paulo: Átomo, 2007.

FOTOGRAFIA (4)

Ementa: História da fotografia. Conceitos, estilos, técnicas e tecnologias. Linguagem e técnica fotográfica convencional (película) e digital. Linguagem e técnicas alternativas como: a *pin-hole*, fotogramas, cartemas, máscaras de ampliação, softwares de manipulação de imagens, entre outras.

Bibliografia Básica:

BUSSELLE, Michael. Tudo sobre fotografia. São Paulo: Pioneira, 1999.
COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues de. A fotografia moderna no Brasil. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico. Campinas: Papirus, 2003.
KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

Bibliografia Complementar:

FABRIS, Annateresa (org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo: USP, 1998.
HEDGECOE, John. O novo manual de fotografia. São Paulo: Senac, 2006.
JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas: Papirus, 2005.
SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta. Rio de Janeiro: Relume Damará, 2002.

CINEMA, ARTE E EDUCAÇÃO (4)

Ementa: O campo do cinema frente às transformações das tecnologias da imagem e do som. Relações entre arte contemporânea e cinema. Estudos sobre as dimensões educativas do cinema, a partir dos referenciais da pedagogia cultural. Experimentação de aplicativos, técnicas e instrumentais no campo das poéticas e produção de narrativas fílmicas.

Bibliografia Básica:

MARTINS, Alice F. Catadores de sucata da indústria cultural. Goiânia: Editora UFG, 2013.
RAMOS, Fernão. Teoria contemporânea do cinema, v. 1. Pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.
SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Milton José de. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 2004.
AUMONT, Jacques et al. *A Estética do Filme*. Campinas, SP: Papirus, 2002.
PAIVA, Eduardo França. *História & Imagem*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
VASQUEZ, Pedro. *Fotografia: reflexos e reflexões*. Porto Alegre, RS: L&PM, 1986.
XAVIER, Ismail. *O Discurso Cinematográfico*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GRAVURA (4)

Ementa: Processos de gravura e contextualizações. Técnicas tradicionais e contemporâneas de maneira crítica e explora os limites da técnica por meio de novos recursos gráficos e/ou plásticos visando resultados poéticos, singulares e/ou coletivos.

Bibliografia Básica:

CLÍMACO, J.C.T.S. O que é gravura?. Cap. 1, p.01/13. *In: Revista Goiana de Artes*, Vol. 11, n.º 1, jan/dez/90. Revista do Instituto de Artes da UFG, Goiânia.
COSTELLA, Antonio. *Xilogravura: manual prático*. Campos do Jordão, Mantiqueira, 1987.
COSTELLA, Antonio F. *Introdução a Gravura e a sua História*. Editora Mantiqueira, 2006.

Bibliografia Complementar:

CLIMACO, Jose César Teatini de Souza. *A Gravura em Matrizes de Plástico*. Editora: UFG, 2004.
COSTA, Marcos de Lontra. A gravura e a arte moderna. *In: Poética da resistência: aspectos da gravura brasileira*. (Catálogo) SESI, Galeria, Coleção Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro, MAM, 1994, pp. 11-16.
FAJARDO, Elias e SUSSEKIND, Felipe. *Oficinas Gravura*. Editora: SENAC São Paulo, 1999.
FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra. Introdução a Bibliologia Brasileira: A Imagem Gravura*.
REZENDE, Ricardo. Os desdobramentos da gravura contemporânea. *In: Arte Brasileira do século XX*. Itaú Cultural, 2000, pp.225-254.

PINTURA (4)

Ementa: Prática e pensamento sobre pintura, tomando como referência condições históricas e contemporâneas. Linguagem visual pictórica. Construção de soluções plásticas a partir do entendimento da pintura como forma de sensação e pensamento.

Bibliografia Básica:

HAYES, Colin. *Guia Completo de Pintura y Dijubo: Técnicas y Materiales*.
LÉGER, Fernand. *Funções da Pintura*. São Paulo: Nobel, 1989.
PEDROSA, Israel. *Da Cor à Cor Inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 1980.

Bibliografia Complementar:

AMARAL, Aracy. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira – 1930 –1970*. São Paulo; ed. Nobel, 1987.
FRANCASTEL, Pierre. *Pintura e Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
LICHTENSTEIN, Jacqueline (org.) *A pintura*. Vol. 7: O paralelo das artes. São Paulo: Editora 34, 2005.
MORAES, A. *Pintura Reencarnada*. São Paulo: Paço das Artes e Imprensa Oficial, 2005.
NAVES, Rodrigo. Goeldi. São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

NARRATIVAS E JOGOS DIGITAIS (4)

Ementa: Letramento digital. Estudo dos processos de convergência entre metodologias, narrativas, procedimentos artísticos e aparatos tecnológicos. Desenvolvimento de narrativas e jogos no contexto da cibercultura.

Bibliografia Básica:

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.
GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para as novas mídias: do cinema às mídias interativas*. São Paulo: Senac, 2003.
HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
JENKINS, Henry. (2006). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
PLAZA, Julio, TAVARES, Monica. *Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.
TAKAKI, Nara Hiroko. *Letramentos na Sociedade Digital: navegar é e não é preciso*. São Paulo: Paco e Littera Editorial, 2012.

Bibliografia Complementar:

ARANTES, Priscila. *Arte e Mídia: perspectivas da estética digital*. São Paulo: Senac, 2005.
BEIGUELMAN, Giselle. *O Livro depois do livro*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.
LEÃO, Lucia (org). *O Chip e o caleidoscópio: estudo em novas mídias*. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

MURRAY, Janet. H. Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural; Unesp, 2003.

ROCHA, Cleomar (org.). Poéticas interativas: estudos de interfaces computacionais. Goiânia, FUNAPE;UFG/Media Lab, 2013.

VILARES, Fábio (org.). Novas mídias digitais (audiovisual, games e música): impactos políticos, econômicos e sociais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

WINCK, João Baptista. Quem conta um conto aumenta um ponto: design do audiovisual interativo. São Paulo: Garamond, 2007.

LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA 1 (4)

Ementa: Discussão e experimentação das práticas contemporâneas de produção artística. Pesquisa poética e desenvolvimento de conteúdos em diálogo com a construção de conhecimento sensível, produção de sentido, subjetividade, alteridade e ação em rede.

Bibliografia Básica:

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins, 2009.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. Redes da criação: construção da obra de arte. Editora Horizonte, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano. São Paulo: Papirus, 2003.

Bibliografia Complementar:

ANJOS, Moacir dos. Local / Global arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

LYNCH, Kevin. A Imagem da cidade. Lisboa, Martins Fontes, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2004.

LABORATÓRIO DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA 2 (4)

Ementa: Elaboração e experimentação de processos de criação. Produção de narrativas visuais e jogos poéticos integrados às práticas contemporâneas de produção artística.

Bibliografia Básica:

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: martins, 2009.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PLAZA, Júlio; TAVARES, Monica. Processos criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais. São Paulo: hucitec, 1998.

SALLES, Cecília Almeida. Redes da criação: construção da obra de arte. Editora Horizonte, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. Culturas e artes do pós-humano. São Paulo: Papirus, 2003.

Bibliografia Complementar:

ANJOS, Moacir dos. Local / Global arte em trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

LYNCH, Kevin. A Imagem da cidade. Lisboa, Martins Fontes, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MAYER, Ralph. Manual do artista: de técnicas e materiais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar, 2004.

Eixo de Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais

POÉTICAS VISUAIS CONTEMPORÂNEAS (2)

Ementa: Poética do espaço, materiais, meios e procedimentos na produção de arte contemporânea. Linguagens, experimentações, tecnologias e outras possibilidades de aportes poéticos contemporâneos.

Bibliografia Básica:

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó, SC: Ed. Argos, 2009.

BASBAUM, Ricardo. Além da Pureza Visual. RS: Editora Zouk, 2007.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. Escritos de artistas. Anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Bibliografia Complementar:

BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira. Rio De Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

DANTO, Arthur. Após o fim da arte. São Paulo: Odysseus Editora/Edusp, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos e o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.

FREIRE, Cristina. Poéticas do processo: a arte conceitual no museu. São Paulo: Iluminaras/MAC-SP, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através das obras de Hélio Oiticica. 3ª Edição. Rio de Janeiro: 2003.
KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. SP: Martins Fontes, 2007.

HISTÓRIA DA ARTE: DA PRÉ-HISTÓRIA AO BARROCO (4)

Ementa: História das manifestações artísticas desde a arte rupestre até a segunda metade do Século XIX. Articulações entre diferentes sujeitos, obras, movimentos, referências e contextos históricos, enfatizando as produções artísticas africanas, asiáticas e, principalmente, europeias.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Rio de Janeiro: LTC, 1993.
HAUSER, Arnold. História social da literatura e da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
JANSON, H. W. História geral da arte. São Paulo: Martins Fontes. 3v.

Bibliografia Complementar:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Italiana. Vols. 2 e 3. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, 2004.
COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998. (Coleção: Primeiros Passos, 46).
WÖLFFLING, Heinrich. Conceitos fundamentais da história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
BROCCHIERI, Fumagalli Beonio. A Estética da Idade Média. Editora: ESTAMPA, 2003.
PROENÇA, Graça. História da arte. São Paulo: Ática, 2007.
STRICKLAND, Carol. Arte Comentada: Da Pré-História ao Pós-Moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

HISTÓRIA DA ARTE: DO NEOCLÁSSICO AO PÓS-IMPRESSIONISMO (4)

Ementa: Caracterização de estilos e temáticas da representação na arte dos estilos de época Neoclássico ao Pós-impressionismo. Obras e artistas dos movimentos Neoclassicismo, Romantismo, Realismo, Impressionismo, Pós-impressionismo. Contextos de época.

Bibliografia Básica:

ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
GOMBRICH, E. H. História da Arte. Rio de Janeiro: LTC, 1993.
HAUSER, Arnold. História social da literatura e da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Bibliografia Complementar: Ementa:

CHIPP, H. B. Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
SCHAPIRO, Meyer. A arte moderna Século XIX e XX. São Paulo: EDUSP, 1996.
JANSON, H. W. História geral da arte. São Paulo: Martins Fontes. 3v.

HISTÓRIA DA ARTE: DAS VANGUARDAS ARTÍSTICAS A CONTEMPORANEIDADE (4)

Ementa: Estudo das artes visuais após a segunda metade do século XX. Investigação e contextualização de gramáticas artísticas, movimentos, hibridações e produções visuais da Arte Contemporânea. Relações e questões com a arte de outros momentos e contextos históricos.

Bibliografia Básica:

MICHELI, MÁRIO DE. As Vanguardas Artísticas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.
TIRADELI, Percival. Arte Moderna e Contemporânea. IBEP Nacional.
STANGOS, Nikos (Org.). Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro. Ed. J. Zahar.
CHIPP, H. B. Teorias da arte moderna. São Paulo: Martins fontes, 1988.

Bibliografia Complementar:

BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.
CANTON, Kátia. O retrato da arte moderna. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2002.
CAUQUELIN, Anne. Arte Contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005. SYLVESTER, David. Sobre arte moderna. São Paulo: Cosac & Naify.
ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: WMF Martins Fontes.

HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA (4)

Ementa: História da Arte no Brasil e na América Latina, desde a arte rupestre até os dias atuais. Relações e particularidades estilísticas, históricas, representacionais e hegemônicas. Raízes culturais da arte brasileira, influências e manifestações artísticas indígenas, africanas e europeia. Conexões entre a arte nacional e internacional.

Bibliografia Básica:

ADES, Dawn. Arte na América Latina. A era Moderna: 1820-1980. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1997.
BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org). Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina. São Paulo: Memorial, Unesp, 1990.
ZANINI, Walter. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2. v.

Bibliografia Complementar:

BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira. Rio De Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
BARDI, P. M.; NIEMEYER, O. Arte no Brasil. São Paulo, 1982.
NAVES, Rodrigo. A Forma Difícil. São Paulo: Ática, 1996.
GASPAR, Madu. A arte rupestre no Brasil. Editora Jorge Zahar, 2003.
DUARTE, Paulo Sergio. Arte brasileira contemporânea: um prelúdio. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições de arte, 2008.
GILROY, Paul. O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

ARTE E CULTURA VISUAL (2)

Ementa: Estudo e discussão da relação entre a imagem visual e as ciências humanas. Aspectos filosóficos, sociológicos, antropológicos, psicológicos e semióticos. Concepção culturalista na abordagem da imagem. Arte, imagem e cultura visual.

Bibliografia Básica:

BADIOU, Alain. Pequeno manual de inestética. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
CONNOR, Steven. Teoria e valor cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna. São Paulo. Editora Loyola, 2000.

Bibliografia Complementar:

BERGER, John. Modos de ver. Editora Rocco.
JIMENEZ, Marc. O que é estética? São Leopoldo (RS): EdUNISINOS, 1999. Coleção Focus, n3. MACIEL, Mario Luiz Belcino; VENTURELLI, Suzete. Imagem Interativa. Brasília: Ed. UNB, 2008.
TOURINHO, Irene e MARTINS, Raimundo. Educação da Cultura Visual. Editora UFMS, 2009. SHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média. EDUSC, 2009.

CULTURA POPULAR E ARTE (2)

Ementa: Introdução e problematização de conceitos, relações e teorias sobre cultura popular e arte. Noções de cultura, tradição, memória, folclore, inventividade e apropriação. Investigação de produções culturais e artísticas populares, em suas diferentes manifestações, em âmbito nacional e local.

Bibliografia Básica:

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez N. Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1995.
BOSI, Alfredo. A cultura brasileira. São Paulo: Ática, 1987.
CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas. São Paulo: Edusp, 2003.
RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

Bibliografia Complementar:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de criar cultura, cultura popular, arte e educação. In: SILVA, René Marc da Costa (org.). Cultura popular e educação – Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2008.
DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
SANTOS, José Luis dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2003.
TINHORÃO, José Ramos. Cultura popular: temas e questões. São Paulo: Editora 34, 2001.

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE IMAGEM (2)

Ementa: Conceito de imagem. Abordagens metodológicas de interpretações sobre as imagens, tais como: formalista, culturalista, contextualista, semiótica, entre outras. Relações entre representações de imagens e suas interpretações a partir dos estudos da cultura visual. Compreensão crítica sobre imagens em contextos educativos.

Bibliografia Básica:

ARNHEIM, R. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Edusp/Pioneira, 1989.
BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 2002.
FABRIS, A. Redefinindo o conceito de imagem. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.18, n.35, p. 217-224, 1998.
MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene (orgs.). Cultura Visual e infância: Quando as imagens invadem a escola... Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.
SHOHAT, Ella e STAM, R. Crítica da Imagem Eurocêntrica. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
PAIVA, Eduardo França. História e Imagens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Bibliografia Complementar:

BARTHES, Roland. O óbvio e obtuso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
DONDIS, D. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ECO, Humberto. *Obra aberta. Forma e identificação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, Papirus, 1996.
MANGUEL, Alberto. *Lendo Imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Eixo de Fundamentação Sócio-Histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação

FUNDAMENTOS DA ARTE NA EDUCAÇÃO (2)

Ementa: Princípios e funções dos fundamentos da arte na educação contemporânea, abordando as relações entre arte, experiência estética e escolarização. Análise de concepções sobre criatividade, expressão artística e aprendizagem, bem como especificidades do perfil do profissional do ensino de arte e suas problematizações.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
CORREA, AYRTON e NUNES, Ana Luiza, Ruschel. *O ensino das artes visuais: uma abordagem simbólico-cultural*. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.
MARTINS, Miriam; PICOSQUI, Gisa; GUERRA, Maria. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
OLIVEIRA, Marilda e HERNANDEZ Fernando (Orgs.) *Formação do Professor em Artes Visuais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

Bibliografia Complementar:

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Socialização da Arte: teoria e prática na América Latina*. Cultrix, São Paulo. 1984.
KIVY, Peter. *Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte*. Paulus Editora, 2008.
HERNANDEZ, F. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
ZAGONEL, Bernadete. *Arte na Educação Escolar*. Curitiba: Ibpx, 2008.

PEDAGOGIAS DE FRONTEIRA (2)

Ementa: Abordagens pós-estruturalistas no processo de ensinar e aprender no campo de visualidades contemporâneas. Teoria *queer*, epistemologias subalternas, e outras orientações que problematizam as relações de poder e as normatividades nos processos educativos.

Bibliografia Básica:

DIAS, Belidson. *O i/mundo da educação em cultura visual*. Brasília, PPG Arte/IdA/UnB. 2011.
MISKOLCI, Richard; LARISSA, Pelucio. *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Ed. Annablume, 2012.
WALTER, Mignolo; FREYA, Schiwy; NELSO, Maldonado T. *Descolonización del ser y del saber*. Buenos Aires: Ed. Del Signo. 2006.

Bibliografia Complementar:

FISCHER, Ernest. *As origens da Arte*. In: *A necessidade da Arte*. 9a. edição. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1981.
GIROUX, Henry. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
RICTHER, Ivone Mendes. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem, em uma série de cartas*. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.
SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.

METODOLOGIAS DO ENSINO DE ARTE (2)

Ementa: Relações entre metodologia conteúdo e prática de ensino. O método como parte do processo de planejamento do ensino de arte. Análise de abordagens metodológicas para o ensino de artes visuais.

Bibliografia Básica:

ALVES, Nilda (Org). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e à suas regras*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.
BARBOSA, Ana Mae (Org). *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.
ROSSI, M. H. *Imagens que falam– Leitura da Arte na Escola*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

Bibliografia Complementar:

BARBOSA, Ana M. “O visual e o verbal”. In: *Tópicos e Utópicos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2000, pp. 137-150.
BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: o ensino de arte e a leitura de imagens*. São Paulo: Cortez, 2000.
DUARTE, Jr., J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.
FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 2001.
FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. *Metodologia do Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 1999.

HISTÓRIA DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO BRASIL (2)

Ementa: Desenvolvimento do Ensino das Artes Visuais no Brasil: concepções e a prática de ensino nos séculos XIX ao XXI. Paradigmas educacionais e arte.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2008.
CORREA, Ayrton Dutra. Ensino das Artes Visuais: Mapeando o Processo Educativo. Santa Catarina: Ed. UFSM, 2008.
ORMEZZANO, Graciela. Questões de Artes Visuais. UPF EDITORA, 2004.

Bibliografia Complementar:

BATTISTONI FILHO, Duílio. Pequena História das artes no Brasil. São Paulo: Átomo, 2008.
COSTA, Cacilda Teixeira da. Arte No Brasil 1950-2000: Movimentos e Meios. Editora: Alameda, 2009.
FUSARI, Maria F. de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Magistério 2º. Grau, Série Formação Geral).
IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.
PEREIRA, Katia Helena. Como usar Artes Visuais na sala de Aula. São Paulo: Contexto, 2007.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SÓCIO-HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO (4)

Ementa: Referências para a compreensão da educação como processo social. Contexto da educação brasileira na experiência histórica do ocidente. Movimentos educacionais e a luta pelo ensino público no Brasil. Relações entre a esfera pública e privada e os movimentos da educação popular.

Bibliografia Básica:

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.
CAMBI, F. História da pedagogia. São Paulo: Unesp, 1999.
COMENIUS, J. A. Didactica magna. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
FREIRE, P. A importância do ato de ler. 22. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.
ROUSSEAU, J.-J. Emílio ou da educação. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Bibliografia Complementar:

AQUINO, Tomaz de. Carta sobre o modo de estudar. In: Cultura e educação na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001.
COELHO, Ildeu Moreira. A Educação, a Cultura e a invenção de uma outra escola. VI EPECO, Campo Grande, 2003.
HOMERO, Odisséia. São Paulo: Editora Três, 1974.
JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
NUNES, Benedito. Ética e leitura. In: _____. Crivo de Papel. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
PLATÃO. A república. Belém: Editora UFPA, 2000, Livro VII.

ESTUDOS CULTURAIS E ENSINO DE ARTE (2)

Ementa: Significados do termo 'cultura'. Aproximações entre Estudos Culturais e o Ensino de Arte. Relações de poder, identidade, pedagogias culturais na pós-modernidade, raça, gênero e etnia.

Bibliografia Básica:

COSTA, Marisa Vorraber (org.). Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
SILVA, Tomaz Tadeu. O que é Afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Bibliografia Complementar:

MASON, Rachel. Por uma arte-educação multicultural. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
SCHMIDT, Saraí, (org.) (2001). A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
SILVA, Tomaz T. da, (1999a). Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica.
SILVA, Juremir M., (2003). Do popular ao pop. Correio do Povo, Porto Alegre, 12 fev., p. 4.
SILVA, T. T. da.; MOREIRA, A. F. (Orgs.). Territórios contestados. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 144-158.

ESTUDOS CRÍTICOS E EDUCAÇÃO (2)

Ementa: Perspectivas teóricas centradas nos questionamentos de formas de conhecimento, dominação e poder. Análise dos mecanismos pelos quais a sociedade capitalista contemporânea amplia suas formas de dominação política e ideológica, sobretudo nos processos educativos. Noções de emancipação e suas problematizações.

Bibliografia Básica

- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- GIDDENS, Anthony. Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- PETERS, Michael. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.
- ZUIN, A. A.; PUCCI, B.; RAMOS- DE- OLIVEIRA, N. Adorno. O poder educativo do pensamento crítico. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Bibliografia Complementar:

- APPLE, M. W. Educação e poder (Maria Cristina Monteiro Trad.), Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- PUCCI, Bruno (Org). Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- HORKHEIMER, Max. Teoria Crítica e Teoria Tradicional. São Paulo: Ed. Abril, 1980.
- RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. Tradução: Lílían do Valle.

POLÍTICAS EDUCACIONAIS DO BRASIL (4)

Ementa: Educação no contexto das transformações da sociedade contemporânea. Relações entre o Estado e as políticas educacionais, tendo em vista as políticas, a estrutura e a organização escolar no Brasil, com ênfase a partir da década de 1990. Regulamentação do sistema educacional e da educação básica. Políticas educacionais em debate.

Bibliografia Básica:

- CURY, Carlos R. Jamil. Legislação Educacional Brasileira. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DOURADO, Luiz F.; PARO, V. H (orgs.). Políticas Públicas e Educação Básica . São Paulo: Xamã, 2001.
- LIBÂNEO, José C., OLIVEIRA, João F., TOSCHI, Mirza Seabra. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. São Paulo: Cortez, 2003.

Bibliografia Complementar:

- CURY, Carlos R. Jamil. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação. (Lei 9.394/96). 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LIMA, Licínio C. A Escola Como Organização Educativa. São Paulo: Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Organização do Ensino no Brasil: níveis e Modalidades na Constituição Federal e na LDB. São Paulo: Xamã, 2002.
- TOSCHI, Mirza Seabra, FALEIRO, Marlene de Oliveira L. A LDB do Estado de Goiás (LEI 26/98):análises e perspectivas. Goiânia: Alternativa, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu e GENTILI, Pablo. Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do Neoliberalismo. CNTE, Brasília, 1996.

Cultura, Currículo e Avaliação em Arte (4)

Ementa: Noções de escola, currículo, planejamento, cultura do cotidiano, disciplinaridades. Tipos de currículo. Políticas e sistemas de avaliação. Currículo e poder.

Bibliografia Básica:

- GOODSON, I. Currículo: Teoria e História. Petrópolis: Vozes, 2001, p.15-28.
- SILVA, T. T. O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MORAES, Silvia Elizabeth. Currículo e formação docente: um diálogo Interdisciplinar. Editora: Mercado de Letras, 2009.

Bibliografia Complementar:

- LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1995.
- MCKERNAN, James. Currículo e Imaginação: Teoria do Processo, Pedagogia e Pesquisa-Ação. Editora: ARTMED, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 9-76.
- SHUSTERMAN, R. Vivendo a arte: O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I (4)

Ementa: Introdução ao estudo da Psicologia: fundamentos históricos e epistemológicos. Relações entre Psicologia e Educação. Estudo das abordagens teóricas comportamental e psicanalítica, suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor, e implicações no processo de ensino e aprendizagem.

Bibliografia Básica:

- ANTUNES, Mitsuko A.M. A Psicologia na Educação: Algumas Considerações. Cadernos USP, São Paulo, P.97-112, 1991.
- BITTAR, Mona; GEBRIN, Virgínia S. O Papel da Psicologia da Educação na Formação de Professores. Educativa. Goiânia, V. 2, P.7-12, Jan/Dez. 1999.
- BOCK, Ana M, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria De Lourdes T. Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia. São Paulo: Saraiva, 1991.
- D'ANDREA, Flávio F. Desenvolvimento da Personalidade. São Paulo, Difel, 1984.
- GOULART, Iris B. Psicologia da Educação. Petrópolis, Vozes, 1987.
- KUPPER, Maria Cristina. Freud e a Educação. São Paulo: Scipione, 1992.
- RAMOS, Graciliano. Infância. Mestres da Literatura Contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1995.
- SKINNER, B. F. Ciência e Comportamento Humano. Brasília, Edunp, 1970.
- SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. São Paulo, Cultrix, 1974.

Bibliografia Complementar:

- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro, Paz E Terra, 1979.
- FREUD, Sigmund. Um Estudo Autobiográfico /O Mal-Estar Da Civilização/ Novas Lições De Psicanálise In: Obras completas. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- MATTOS, Maria Amélia. Análise das Contingências no Aprender e no Ensinar. In: ALENCAR, Eunice Soriano de. (org). Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem. São Paulo; Cortez, 1992.
- MIZUKAMI, Maria G.N. Ensino: As Abordagens do Processo. São Paulo, EPU, 1986.
- ROUDINESCO, Elizabeth. Por Que a Psicanálise? Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II (4)

Ementa: Estudo da psicologia genética de Piaget, da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor e suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem.

Bibliografia Básica:

- DANIELS, Harry (org). Uma introdução a Vygotsky. São Paulo, Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, Marta K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipioni, 1997.
- PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. 24ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Bibliografia Complementar:

- BOCK, A. M, FURTADO, O. e TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 1991.
- COLL, C.; PALÁCIOS, J. E MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação. V.1 e 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FLAVELL, J. H. A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1988.
- GOULART, I. B. Psicologia da Educação. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. São Paulo: Difel, 1974.
- PIAGET, Jean. O julgamento moral na criança. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- _____. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. São Paulo, Zahar, 1978.
- _____. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO (4)

Ementa: Trabalho na sociedade industrial capitalista, seus aspectos históricos, modos e relações de produção. Escola no contexto da sociedade industrial capitalista: organização, gestão dos processos educativos, o trabalho docente. Gestão escolar democrática nas políticas educacionais, com foco nas concepções de gestão e na organização da escola. Escola como cultura organizacional, a partir do projeto político-pedagógico coletivo e do trabalho do professor.

Bibliografia Básica:

- ANTUNES, Ricardo. Os Sentidos do Trabalho – Ensaio Sobre a Afirmação e a Negação do trabalho. 2a. Ed., São Paulo: Boitempo, 2000.
- FERREIRA, Naura C. (Org.) Gestão Democrática da Educação; Atuais Tendências, Novos Desafios. São Paulo: Cortez, 2001.
- LIBÂNEO, J. C., OLIVEIRA, J. F De, TOSCHI, M. S. Educação Escolar: Políticas, Estruturas e Organização. São Paulo: Cortez, 2003. Coleção Docência Em Formação.
- LIBÂNEO, J. C., OLIVEIRA, J. F De, TOSCHI, M. S. Organização e gestão da Escola – Teoria e Prática. 3a. Ed., Goiânia: Alternativa, 2001.
- PARO, Vitor H. Por Dentro da Escola Pública. São Paulo: Xamã, 1996.
- VEIGA, Ilma P.; Resende, Lúcia M. Gonçalves (orgs.). Escola: Espaço do Projeto Político- Pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- FONSECA, Marília (orgs.). As Dimensões do projeto Político pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 2001.

Bibliografia Complementar:

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao Trabalho – Ensaio Sobre As Metamorfoses Do Mundo Do Trabalho. 6a. Ed., São Paulo: Cortez, 1999.
- ALBORNOZ, Suzana. O Que é Trabalho. 6a. Ed., São Paulo: Brasiliense, 1998. Coleção Primeiros Passos.
- FERRETI, Celso J., Silva Jr, João Dos Reis E Oliveira, Maria Rita N. S. Trabalho, Formação e Currículo – Para Onde Vai a Escola? São Paulo: Xamã, 1999. NÓVOA, Antonio (Coord.). As organizações Escolares em Análise. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PARO, Vitor H. Administração Escolar- Introdução Crítica . São Paulo: Cortez, 1988.

INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS (4)

Ementa: Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Apresentação das concepções e das implicações sociais sobre a Língua de Sinais.

Bibliografia Básica:

- BRITO, L. F. Por uma Gramática de Língua de Sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FELIPE, T.; MONTEIRO, M. S. Libras em contexto. Curso Básico. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, 2001.
- GÓES, M. C. R. de. Linguagem, surdez e educação. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1999.
- PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. Curso de Libras 1: iniciante. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2008.

Bibliografia Complementar:

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica, v. 1. Brasília – DF: MEC/SEESP; 2002.
- CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, v. 1 e 2. São Paulo: Editora USP, 2001.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed.). Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira. v. 1 e 2. São Paulo: Editora USP, 2004.
- GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.
- QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Artmed: Porto Alegre, 2004.
- SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad.: L. Motta. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1999.
- SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

Eixo de Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais

INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO (2)

Ementa: Metodologia de pesquisa: fases e procedimentos metodológicos. Métodos e técnicas de pesquisa. Coleta e tratamento de dados. Análise e elaboração de resultados. Pesquisa em Arte.

Bibliografia Básica:

- ANDRÉ, Marli E. D. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. Aprendendo a Aprender: Introdução à Metodologia Científica. 6ª Edição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1995.
- FEITOSA, Vera Cristina. Redação de textos científicos. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

Bibliografia Complementar:

- ECO, Umberto. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FAZENDA, Ivani (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.
MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena T. A. O processo de pesquisa: iniciação. Brasília: Plano, 2002.
SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PESQUISA EM ENSINO DE ARTE E CULTURA VISUAL (2)

Ementa: Noções de pesquisa. Enfoques e/ou métodos de investigação e sua relação com as artes visuais. Discussões das relações entre tema, objetivos e metodologia na pesquisa na elaboração e desenvolvimento de projetos de investigação.

Bibliografia Básica:

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.) Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GARCIA, Regina Leite (org). Método, pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Bibliografia Complementar:

ANDRÉ, Marli (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas, SP: Papirus, 2001.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, na S. O planejamento da pesquisa qualitativa: pesquisa e prática. Tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). A Formação do Professor e o Ensino de Artes Visuais. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005.

STAKE, R. Pesquisa Qualitativa – estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso 2011.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I (6)

Ementa: Acompanhamento de práticas educativas das Artes Visuais no contexto educacional local. Definição de objetivos, características e procedimentos de observação para descrição, análise e experimentação de práticas de ensino e processos de aprendizagem em arte em contextos educacionais formais ou não-formais.

Bibliografia Básica:

ANDRÉ, Marli E. D. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CANDAU, Vera Maria. Reinventar a escola. Editora Vozes, 2007.

GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Bibliografia complementar:

GOODSON, I. As políticas de currículo e de escolarização. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. 5 ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

PENNA, Maura (coord.). É este o ensino de arte que queremos?: uma análise das propostas curriculares nacionais. João Pessoa: Ed. Da UFPB, 2001.

ZABALZA, Miguel. Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO II (8)

Ementa: Análise de práticas educativas das Artes Visuais no contexto educacional da região local. Planejamento, elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos de ensino e aprendizagem em Artes Visuais em diferentes níveis: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, EJA/EAJA integrando as modalidades de ensino presencial e a distância. Experimentação da prática pedagógica em instituição escolar e/ou espaços educativos não formais.

Bibliografia Básica:

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). O Sentido da Escola. Petrópolis, RJ: DP&A, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CARVALHO, Livia Marques. O ensino de artes em ONGs. São Paulo: Cortez, 2008.

Bibliografia Complementar:

ALVES, Rubem. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

GOHN, M. G. Educação não-formal e cultura política. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUCENA, C.; FUKS, H. A educação na Era da Internet. Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.
CARVALHO, Livia Marques. Quem ensina arte nas ONGs? Contexturas: O ensino de artes em diferentes espaços. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.
MARTINS, Alice Fatima. Catadores de sucata da indústria cultural. Goiânia: FUNAPE/Editora, 2013.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO III (8)

Ementa: Investigação etnográfica em diálogo com as dinâmicas da escola e outros contextos educativos. Planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educacionais em artes visuais. Estudos e reflexões sobre a construção da subjetividade docente.

Bibliografia Básica:

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. Etnografia da prática escolar. Campinas, SP: Papirus, 2004.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
_____. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Bibliografia Complementar:

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto, GONZALEZ, Maria Fernanda. Ensino da História e memória coletiva. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
TELLES, Lygia Fagundes. A invenção da memória. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
SOUZA, Elizeu Clementino de. O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro, 2006.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV (8)

Ementa: Apresentação e estudos transdisciplinares em diálogo com o planejamento, desenvolvimento e avaliação de projetos educacionais em artes visuais. Discussão sobre as problematizações e contribuições do estágio supervisionado na formação do sujeito docente. Reflexões sobre memória, política e responsabilidade social no exercício da prática educativa.

Bibliografia Básica:

ARROYO, Miguel G. Outros Sujeitos, outras pedagogias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
GIROUX, Henry A. Os Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
JAPIASSU, Hilton. Sonho transdisciplinar e razões da filosofia. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
MORIN, Edgar. A Via para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Bibliografia Complementar:

DUVE, Thierry de. Fazendo escola (ou refazendo-a?). Trad. Alexânia Ripoll. Chapecó/SC: Argos, 2012.
FREIRE, Paulo. Por uma pedagogia da pergunta. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
_____. Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
GIROUX, Henry A. Cruzando as fronteiras do discurso educacional. Porto Alegre: Artmed, 1999.
_____. Atos impuros: a prática política dos estudos culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL (2)

Ementa: Caracterização e organização do trabalho intelectual. Sistematização de leitura e elaboração de resenhas, resumos e fichamentos. Gêneros textuais e documentação na pesquisa e em arte.

Bibliografia Básica:

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Balduino. Orientações para elaboração de projetos e monografias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
MATOS, Keila. A arte e a técnica da produção científica. Goiânia: Ed. UCG; Brasília: Universa, 2004.
MARTINS JUNIOR, Joaquim. Como escrever trabalhos de conclusão de curso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
MOROZ, Melânia; GIANFALDONI, Mônica Helena T. A. O processo de pesquisa: iniciação. Brasília: Plano, 2002.

Bibliografia Complementar:

FAZENDA, Ivani (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2003.
FEITOSA, Vera Cristina. Redação de textos científicos. Campinas, SP: Papirus, 1991.
LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996.
SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I (6)

Ementa: orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico-pedagógico a ser apresentado no final do curso. além da bibliografia básica e complementar indicada na disciplina tcc i, outras referências serão acrescentadas conforme a necessidade específica de cada pesquisa.

Bibliografia Básica:

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Ed. Bookman, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, na S. O planejamento da pesquisa qualitativa: pesquisa e prática. Tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

Bibliografia Complementar:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, [2012].

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

DEWEY, J. A arte como experiência. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1980.

SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II (6)

Ementa: orientação, acompanhamento, planejamento e elaboração de trabalho monográfico ou artístico-pedagógico a ser apresentado no final do curso. além da bibliografia básica e complementar indicada na disciplina tcc i, outras referências serão acrescentadas conforme a necessidade específica de cada pesquisa.

Bibliografia Básica:

FLICK, uwe. uma introdução à pesquisa qualitativa. são paulo: ed. bookman, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, na S. O planejamento da pesquisa qualitativa: pesquisa e prática. Tradução Sandra Regina Netz. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

Bibliografia Complementar:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, [2012].

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

DEWEY, J. A arte como experiência. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1980.

SCHÖN, Donald A. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

6.9 Disciplinas na Modalidade Semipresencial

O uso das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), em crescente expansão dentro e fora do campo educacional, caracteriza-se como um importante recurso para a formação em diferentes etapas e modalidades da educação. Atualmente, é imprescindível na formação de professores a qualificação para o uso, em sua prática docente, de variados recursos tecnológicos e midiáticos, como, por exemplo, televisão, videocassete, gravador, rádio, calculadora, filmadora, câmara fotográfica, computador, internet e softwares educativos. Neste PPC, serão incentivadas e apoiadas as iniciativas que utilizem destes recursos no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos das diferentes disciplinas, favorecendo o domínio dos aspectos técnicos, metodológicos e de suas implicações pedagógicas, estéticas e éticas.

Considerando o disposto no art. 81 da Lei nº 9.394/1996 e na Portaria MEC nº 4.059/2004, que regulamenta a oferta de disciplinas na modalidade semipresencial, este PPC da Licenciatura em Artes Visuais prevê a possibilidade de criação, realização e acompanhamento da oferta de disciplinas que utilizem – em seu todo ou em parte – a modalidade semipresencial de ensino na graduação. Na oferta dessas disciplinas, serão encaminhados os respectivos Programas e Planos de Ensino para apreciação e aprovação no Conselho Diretor da FAV e instâncias superiores da UFG, assim como, enviados para conhecimento e registro nos sistemas acadêmicos da universidade.

Seguindo os preceitos da Portaria MEC nº 4.059/2004,

[...] caracteriza-se a modalidade semipresencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

Conforme prevê a legislação educacional, as disciplinas ofertadas na modalidade semipresencial deverão:

- I- cumprir o período de trabalho acadêmico efetivo em conformidade com o calendário letivo da instituição;
- II- informar os discentes sobre os Programas e Planos de Ensino que serão desenvolvidos nas respectivas disciplinas, incluindo, os componentes curriculares, a duração, os requisitos, os recursos disponíveis e os critérios de avaliação;
- III- prever e realizar as avaliações de modo presencial;
- IV- incluir métodos e práticas de ensino-aprendizagem que incorporem o uso integrado de tecnologias de informação e comunicação para a realização dos objetivos pedagógicos, bem como prever encontros presenciais e atividades de tutoria;
- V- manter um quadro de docentes qualificados em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico do curso, com carga horária específica para os momentos presenciais e os momentos a distância;
- VI- utilizar de recursos, procedimentos e experiências acumuladas na instituição em relação às tecnologias da informação e das comunicações e à educação desenvolvida nesta modalidade.

A oferta de disciplina na modalidade semipresencial na Licenciatura em Artes Visuais deverá seguir uma regulamentação própria, aprovada pelos órgãos competentes da instituição, a qual deve estabelecer as normas e os critérios para a oferta, o funcionamento, o acompanhamento e a avaliação dos componentes curriculares das disciplinas semipresenciais, em conformidade com a legislação vigente.

6.10 Educação Ambiental e em Direitos Humanos

Com base nas orientações e nos preceitos da legislação vigente, o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV prevê, em sua organização curricular e no seu desenvolvimento, a abordagem de temas e práticas que propiciem a formação de seus graduandos em relação à Educação Ambiental e à Educação em Direitos Humanos. As concepções e as práticas educativas vinculadas às dimensões ambientais e aos direitos humanos serão tratadas de modo transversal no curso, perpassando diferentes disciplinas, materiais didáticos, atitudes e atividades acadêmicas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, buscando, assim, propiciar uma educação, qualificação e atuação profissional condizentes com os desafios da realidade atual.

Conforme define os respectivos textos legais:

Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

§ 3º Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012.

Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

Art. 2º A Educação em Direitos Humanos, um dos eixos fundamentais do direito à educação, refere-se ao uso de concepções e práticas educativas fundadas nos Direitos Humanos e em seus processos de promoção, proteção, defesa e aplicação na vida cotidiana e cidadã de sujeitos de direitos e de responsabilidades individuais e coletivas.

§ 1º Os Direitos Humanos, internacionalmente reconhecidos como um conjunto de direitos civis, políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, sejam eles individuais, coletivos, transindividuais ou difusos, referem-se à necessidade de igualdade e de defesa da dignidade humana.

§ 2º Aos sistemas de ensino e suas instituições cabe a efetivação da Educação em Direitos Humanos, implicando a adoção sistemática dessas diretrizes por todos(as) os(as) envolvidos(as) nos processos educacionais.

Art. 3º A Educação em Direitos Humanos, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamenta-se nos seguintes princípios:

I - dignidade humana;

II - igualdade de direitos;

III - reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades;

IV - laicidade do Estado;

V - democracia na educação;

VI - transversalidade, vivência e globalidade; e

VII - sustentabilidade socioambiental.

6.11 Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena

Segundo a Resolução CNE/CP n.º 1/2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, as instituições de ensino, nos diferentes níveis e modalidades, em especial, aquelas que ministram curso de formação iniciada e continuada de professores, deverão incluir nos seus respectivos projetos de curso a educação das relações étnico-raciais e os conteúdos, as competências, as atitudes, os valores e as atividades curriculares que dizem respeito à História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.

Dentre outros aspectos, assim define a Resolução CNE/CP 1/2004:

Art. 2º As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

§ 1º A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira.

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

Art. 3º A Educação das Relações Étnico-Raciais e o estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, e História e Cultura Africana será desenvolvida por meio de conteúdos, competências, atitudes e valores, a serem estabelecidos pelas Instituições de ensino e seus professores, com o apoio e supervisão dos sistemas de ensino, entidades mantenedoras e coordenações pedagógicas, atendidas as indicações, recomendações e diretrizes explicitadas no Parecer CNE/CP 3/2004.

§ 3º O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

§ 4º Os sistemas de ensino incentivarão pesquisas sobre processos educativos orientados por valores, visões de mundo, conhecimentos afro-brasileiros, ao lado de pesquisas de mesma natureza junto aos povos indígenas, com o objetivo de ampliação e fortalecimento de bases teóricas para a educação brasileira.

Tais preceitos legais, segundo o Parecer CNE/CP 3/2004, visam assegurar

[...] o direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira, além do direito de acesso às diferentes fontes da cultura nacional a todos brasileiros.

Introdução, nos cursos de formação de professores e de outros profissionais da educação: de análises das relações sociais e raciais no Brasil; de conceitos e de suas bases teóricas, tais como racismo, discriminações, intolerância, preconceito, estereótipo, raça, etnia, cultura, classe social, diversidade, diferença, multiculturalismo; de práticas pedagógicas, de materiais e de textos didáticos, na perspectiva da reeducação das relações étnico-raciais e do ensino e aprendizagem da História e cultura dos Afro-brasileiros e dos Africanos.

Na Matriz Curricular do PPC da Licenciatura em Artes Visuais, em cumprimento aos referidos preceitos legais, serão trabalhados conteúdos e atividades acerca da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena nas seguintes disciplinas:

- História da Arte: da Pré-História ao Barroco;
- História da Arte: no Neoclássico ao Pós-Impressionismo;
- História da Arte no Brasil e na América Latina;
- Cultura Popular e Arte;
- Laboratório de Produção Artística I e II;
- Estágio Supervisionado I, II, III e IV;
- Trabalho de Conclusão de Curso I e II.

6.12 Sugestão de Fluxo Curricular – Graduação em Artes Visuais – Licenciatura

Períodos Letivos	Produção e Criação Artístico-Visual	Fundamentação Histórica e Sociocultural em Artes Visuais	Fundamentação Sócio-histórica e Pedagógica das Artes Visuais na Educação	Pesquisa, Estágio e Prática Pedagógica em Artes Visuais	Núcleo Livre (NL)*
1º P. (320 h)	Introdução ao Desenho (64h) Introdução à Produção Tridimensional (64h)	Poéticas Visuais Contemporâneas (32h) História da Arte: da Pré-História ao Barroco (64h)	Fundamentos da Arte na Educação (32h) Fundamentos Filosóficos e Sócio-históricos da Educação (64h)		
2º P. (320 h)	Desenho (64h) Formas Expressivas do Bi e Tridimensional (64h)	História da Arte: do Neoclássico ao Pós-impressionismo (64h)	Estudos Críticos e Educação (32h) Pedagogias de fronteira (32h)	Introdução ao Trabalho de Investigação (32h) História do Ensino das Artes Visuais no Brasil (32h)	
3º P. (320 h)	Gravura (64h) Fotografia (64h)	Arte e Cultura Visual (32h) História da Arte: das Vanguardas Artísticas à Contemporaneidade (64h)	Metodologias do Ensino de Arte (32h) Políticas Educacionais do Brasil (64h)		NL
4º P. (320 h)	Pintura (64h)	Cultura Popular e Arte (32h) História da Arte no Brasil e na América Latina (64h)	Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico (64h) Psicologia da Educação I (64h)	Pesquisa em Ensino de Arte e Cultura Visual (32h)	NL
5º P. (320 h)	Cinema, Arte e Educação (64h)	Compreensão e Interpretação de Imagem (32h)	Cultura, Currículo e Avaliação em Arte (64h) Psicologia da Educação II (64h)	Estágio Supervisionado I (96h)	NL
6º P. (320 h)	Narrativas e Jogos Digitais (64h)		Estudos Culturais e Ensino de Arte (32h) Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS (64h)	Estágio Supervisionado II (128h) Organização do Trabalho Intelectual (32h)	NL
7º P. (416 h)	Laboratório de Produção Artística 1 (64h)			Estágio Supervisionado III (128h) Trabalho de Conclusão de Curso I (96h)	NL
8º P. (416 h)	Laboratório de Produção Artística 2 (64h)			Estágio Supervisionado IV (128h) Trabalho de Conclusão de Curso II (96h)	NL
TOTAIS	704 h/a	384 h/a	608 h/a	800 h/a	256 h/a
Atividades Complementares					300 h/a
TOTAL DE HORAS DO CURSO					3.052

6.13 Duração do Curso

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais prevê uma estrutura curricular com 8 (oito) semestres letivos, cada qual com 100 (cem) dias, no mínimo, de trabalho acadêmico efetivo, totalizando uma carga horária de 3.052 (três mil e cinquenta e duas) horas. A integralização do Curso será obtida mediante a aprovação em disciplinas, obrigatórias e optativas, que serão distribuídas e ministradas predominantemente no período matutino, assim como, do cumprimento das atividades complementares, de livre escolha dos estudantes, que serão realizadas dentro ou fora da unidade acadêmica, conforme programação específica e a validação de horas na instituição.

Para os estudantes ingressos regularmente na instituição, o tempo de integralização do Curso de Licenciatura em Artes Visuais será de, no mínimo, 8 (oito) semestres e, no máximo, de 12 (doze) semestres.

7 POLÍTICA E GESTÃO DO ESTÁGIO

Apoiando nos preceitos legais e nos propósitos deste projeto, entende-se que o estágio supervisionado é um componente curricular fundamental do processo de formação do professor de Artes Visuais. Neste Projeto, a política de estágio orientar-se-á com base nos princípios e nas orientações definidas na Resolução CEPEC nº 731/2005 da UFG, que assim expressa:

§ 1º São princípios desta política:

- I- uma organização curricular que possibilite a apreensão do contexto educacional e a atuação profissional na gestão, planejamento e avaliação do processo educativo;
- II- o desenvolvimento pleno do educando, a formação cultural e ética para o exercício da cidadania, a inserção crítica na profissão e a qualificação para o trabalho;
- III- o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional que possibilite criticar, inovar, bem como lidar com a diversidade;
- IV- a pesquisa como uma dimensão da formação e do trabalho docente;
- V- formação inicial articulada com a formação contínua.

§ 2º Com base nesses princípios a UFG compreende o estágio curricular como uma atividade privilegiada de diálogo crítico com a realidade que favorece a articulação ensino-pesquisa-extensão, configurando:

- I- um espaço formativo e de sensibilização dos estudantes para o atendimento das necessidades sociais, que preserve os valores éticos que devem orientar a prática profissional;
- II- um momento de maior aproximação e compreensão da realidade profissional à luz dos aportes teóricos estudados, que favoreça a reflexão sobre a realidade e a aquisição da autonomia intelectual e o desenvolvimento de habilidades conexas à profissão docente;
- III- um componente curricular, de caráter teórico-prático, cuja especificidade proporcione o contato efetivo do aluno com o campo de estágio, acompanhado pela instituição formadora;
- IV- um componente do projeto político pedagógico do curso que considere seus objetivos, metodologia, acompanhamento e avaliação.

Dentre suas modalidades, com base na Lei nº 11.788/2008 e na Resolução CEPEC nº 731 da UFG, o estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais caracteriza-se como um componente curricular obrigatório e não obrigatório, devendo seguir a regulamentação específica aprovada na FAV.

7.1 Estágio Curricular Obrigatório

O estágio curricular obrigatório define-se como uma atividade programada, com conteúdos teórico-práticos sequenciais e disciplinares, imprescindível para os/as graduandos/as do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UFG, a qual deve privilegiar:

- I- a relação e o posicionamento crítico dos graduandos com a realidade socioeducacional, tendo em vista a formação para o exercício da profissão e da cidadania;
- II- experiências e vivências com possibilidades de articulação entre ensino-pesquisa-extensão;
- III- a aproximação do/a aluno/a com a realidade do campo de trabalho, estabelecendo inter-relações entre a teoria e a prática deste ensino;
- IV- o confronto com a diversidade das práticas educativas, com as dificuldades do campo, com os desafios institucionais, fazendo do estágio um laboratório de descobertas e possibilidades, superações e avanços teórico-metodológicos;
- V- um momento de desenvolvimento cultural, técnico, científico e pedagógico dos/as graduandos/as.

O estágio curricular na Licenciatura em Artes Visuais visa criar um espaço para que o licenciando interaja com os ambientes de ensino e experimente uma pluralidade de contextos e situações educacionais onde o ensino/aprendizagem de artes visuais aconteça ou possa vir a acontecer significativamente. A pretendida interação deverá ser buscada através do estudo, da pesquisa, da observação, da análise e da reflexão e do desenvolvimento de projetos pedagógicos na escola-campo. Nesse sentido, mediante o estágio curricular, o Curso pretende propiciar o exercício pedagógico de manifestações da cultura visual, enfatizando seus aspectos sociais, históricos, culturais, artísticos e pedagógicos. A especificidade deste campo formativo está centrada nos os aspectos estéticos, artísticos, processuais, técnicos e culturais e de mediação e construção da realidade e do relacionamento humano, diferenciando-se, portanto, dos processos de arteterapia e de assistencialismo social.

O estágio curricular obrigatório deverá ser desenvolvido, preferencialmente, em escolas públicas, mediante convênio institucional estabelecido entre a UFG e a Rede Federal, Estadual e Municipal de Ensino. Poderá ocorrer, também, em Instituições de Ensino Privadas e em Instituições Sociais e Culturais, devidamente conveniadas com a UFG, que desenvolvam ações educativas em Artes Visuais. Ao estabelecer o convênio institucional, a contrapartida da UFG será de caráter pedagógico, favorecendo a aproximação e troca de experiências dos profissionais da instituição concedente com a realidade acadêmica da Universidade, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. As experiências, os projetos e as atividades de estágio serão, periodicamente, objeto de debate entre os professores da escola-campo e da Universidade em eventos acadêmicos.

Entende-se que os locais de estágio são espaços potencialmente considerados como parceiros, dispostos a uma relação dialógica. Deve-se buscar o envolvimento efetivo dos diversos atores-colaboradores, como os professores, coordenadores, alunos e funcionários, assim como, o estabelecimento de conexões com o contexto social no qual a instituição está inserida.

Por se tratar de uma atividade fundamental para a formação, o estágio será planejado, orientado, acompanhado, avaliado e coordenado pelos professores de estágio do Curso, em conformidade com a legislação vigente, com o acompanhamento do coordenador de estágios e a colaboração de profissionais qualificados no campo de ensino de Artes Visuais.

Em conformidade com a Resolução CEPEC nº 731/2005 da UFG, o estágio curricular obrigatório deverá considerar os seguintes aspectos:

Art. 11. A atividade de estágio deverá utilizar a pesquisa como princípio metodológico da formação e contemplar os seguintes aspectos:

- I- Apreensão da realidade da escola campo – objetiva a compreensão, a descrição e a análise do cotidiano escolar;
- II- Elaboração do projeto de ensino e pesquisa – a partir da problematização das situações vivenciadas, definir o tema do projeto de ensino e pesquisa. A elaboração do projeto implica preparação teórica, em especial a respeito de conhecimentos básicos de pesquisa, com o objetivo que o aluno desenvolva atitude investigativa;
- III- Desenvolvimento do projeto de ensino e pesquisa – execução da proposta de ensino na escola-campo, envolvendo os aspectos descritos;
- IV- Relatório Final do Estágio – apresentação da intervenção docente na escola-campo que evidencie a compreensão da realidade escolar e as contribuições de todo o processo de investigação para a construção pessoal e coletiva da formação docente.

Ainda em relação à legislação vigente, os/as estudantes que exercerem atividade docente regular na educação básica, de acordo com a Resolução CP2, do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 2002, "poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado em até o máximo de 200 (duzentas) horas".

Para a efetivação destes aspectos, as atividades de estágio curricular obrigatório neste projeto estão organizadas em quatro disciplinas específicas e inter-relacionadas, ministradas a partir da segunda metade do curso, totalizando uma carga horária de 480 (quatrocentas) horas.

7.2 Estágio Curricular Não Obrigatório

Regido pelos mesmos preceitos legais, o estágio curricular não obrigatório caracteriza-se como uma atividade opcional dos/as graduandos/as, realizado em instituições conveniadas com a UFG, com vista a propiciar a formação e o desenvolvimento profissional mediante práticas, vivências e experiências num determinado ambiente de trabalho relacionado com a área de formação. Tal estágio possibilita a atuação por tempo limitado dos estudantes em trabalho remunerados ou não, com carga horária de até 20 horas semanais. O seu desenvolvimento é considerado qualitativamente no processo formativo do/a estudante, porém, este não será computado para integralizar a carga horária do estágio curricular obrigatório e as horas de atividades complementares.

A instituição concedente deve ser conveniada com a UFG e fica sob sua responsabilidade o seguro contra acidentes pessoais em favor do/a graduando/a. É importante ressaltar que o/a graduando/a somente poderá cursar o estágio curricular não obrigatório a partir do terceiro período letivo, sob a orientação de um/a professor/a orientador/a, pertencente ao corpo docente do curso, e de um/a supervisor/a no campo de estágio que acompanharão os relatórios, plano de atividades e termos de compromisso.

8 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Para integralizar o currículo, o/a graduando/a deverá elaborar e apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob orientação de professor/a da Unidade acadêmica ou convidado/a de outra IES, conforme a normatização específica formulada e aprovada pelo Conselho Diretor da FAV.

O TCC consiste na elaboração de um trabalho acadêmico desenvolvido pelo/a acadêmico/a, com tema de livre escolha, com base no desenvolvimento de um projeto interdisciplinar, relacionado com as atribuições profissionais. A elaboração do TCC mostrará o domínio de parte significativa do conteúdo programático do curso, inclusive no que se refere aos aspectos metodológicos da elaboração de uma monografia.

Esta produção artístico-pedagógica, a ser apresentada ao final do curso de graduação em Artes Visuais – Licenciatura, caracteriza-se como trabalho, preferencialmente, em grupo (no máximo, com três estudantes) ou individualmente, em casos específicos, de natureza prático-teórica ou teórica, relacionado ao ensino de artes visuais, que reflita o nível de aprendizagem, a integração de conhecimentos e o domínio acadêmico do/a graduando/a, em especial, a capacidade deste/a para a leitura crítica da profissão e da realidade educacional investigada, a partir dos enfoques relacionados à visualidade, imagem, arte e educação.

9 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de novembro de 2005, a avaliação é parte integrante do processo de formação, uma vez que possibilita verificar lacunas a serem superadas, avaliar os resultados alcançados considerando as competências a serem constituídas e identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias.

O sistema de avaliação do curso de Licenciatura em Artes Visuais será realizado de acordo com os critérios de cada disciplina, uma vez que apresentam características diferenciadas de competências e habilidades. Portanto, aspectos como assiduidade e aproveitamento, ambos eliminatórios por si mesmos, serão considerados.

A assiduidade é aferida pela frequência às aulas e demais atividades da disciplina, considerando-se nela reprovado o aluno que não alcançar, no mínimo, 75% (setenta e cinco por cento) da frequência total, vedado o abono de faltas.

As formas de avaliação às quais os alunos deverão ser submetidos, assim, como o momento de realização das mesmas, serão elaboradas pelos professores responsáveis pelas disciplinas e de acordo com as ementas, objetivos e natureza de cada disciplina. Os critérios e procedimentos de avaliação devem constar dos respectivos Programas das Disciplinas. Os critérios de avaliação devem ser estabelecidos e esclarecidos para os alunos no início de cada disciplina, em conformidade com o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas e o referido programa.

O processo de avaliação, assim como, a nota do aluno, deve ser resultado de um conjunto de ações e procedimentos didático-pedagógicos, encaminhados periodicamente no decorrer da disciplina. Deve resultar de frequências, desempenho e produção acadêmica, com o mínimo de duas avaliações semestrais, e se configurar como uma nota final por disciplina.

Com base nos preceitos regimentais da UFG, o resultado da Avaliação da Aprendizagem deverá ser divulgado pelo Professor responsável pela Disciplina no SAG, até data estabelecida no calendário acadêmico, através de uma nota que deverá variar de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), com no máximo uma casa decimal. Ao professor caberá lançar as notas obtidas pelo aluno no sistema RGCG, sendo que a nota de avaliação deverá ser divulgada com pelo menos 2 (dois) dias úteis antes de uma nova avaliação.

10 INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Uma característica marcante da FAV condiz com a crescente preocupação em articular simultaneamente atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Tem sido uma de suas metas promover ações e atividades que permitam ao licenciando articular problemáticas acadêmicas, produção do conhecimento e necessidade contemporânea do professor de arte e, conseqüentemente, a atualização e inserção do Curso de Licenciatura em Artes Visuais no campo da pesquisa.

As atividades de ensino, pesquisa e extensão deverão ser propostas de maneira dialógica, num sistema de retroalimentação do conhecimento produzido nas três instâncias da vida acadêmica. Os estudantes serão estimulados a apreender o conteúdo mediante processos de investigação da realidade e a reflexão de sua própria experiência e construção da sua prática.

Essas atividades poderão estar presentes em todo o percurso de formação, dependendo da demanda e das condições locais e terão o objetivo de propiciar a familiaridade do discente com os procedimentos de investigação e com o processo histórico de produção, apropriação e disseminação do conhecimento. Entre outros aspectos, possibilitarão demonstrar que a arte, a ciência e a educação, como criações humanas, não são desvinculadas dessas questões e que as escolhas teórico-metodológicas estão perpassadas por esses processos.

Assim sendo, a área de pesquisa tem como objetivo articular o ensino, a produção acadêmica, artística e cultural, no intuito de ampliar o campo de investigação pedagógico, teórico e artístico, redimensionando o exercício analítico, aprimorando o instrumental intelectual do discente e possibilitando a qualificação e o acúmulo de investigações realizadas na FAV.

Temos a preocupação de que as atividades e os projetos de extensão funcione como estratégia conectiva entre a Faculdade e outros setores da sociedade, buscando dinamizar as relações de ensino com a realidade circundante. Visa atuar, também, como mecanismo de flexibilização disciplinar que se amplie para além da matriz curricular pré-estabelecida, possibilitando a aquisição de outros conhecimentos necessários a complementação dos núcleos epistemológicos e essenciais à formação do professor de Arte.

11 POLÍTICA DE QUALIFICAÇÃO DE DOCENTES E TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS DA UNIDADE ACADÊMICA

A política de qualificação de docentes e técnico-administrativos da Faculdade de Artes Visuais apresenta-se como uma condição fundamental para a melhoria das atividades acadêmicas da instituição, repercutindo na qualidade da consecução dos objetivos e ações do projeto de Curso.

A posição assumida pela FAV em relação à qualificação de professores e técnico-administrativos, referendada em Conselho Diretor da Unidade, está em consonância com orientações e ações da política de qualificação do quadro de servidores da UFG. O fundamento que orienta esta posição se expressa no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFG, elaborado para o período de 2011-2015:

A UFG desenvolve políticas que permeiam os campos acadêmico e administrativo, de modo a se consolidar como uma instituição que articula unidade e pluralidade, teoria e prática, formação inicial e continuada, tendo como princípio político-pedagógico a construção do saber por meio de uma ampla formação cultural e do desenvolvimento de programas, projetos e ações que contribuam para a solução dos problemas nacionais e para a inclusão social.

O interesse da FAV com a qualificação decorre, entre outros aspectos, da necessidade de favorecer a consolidação, melhoria e excelência dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação na instituição, os quais contribuem significativamente no cenário nacional com produções e pesquisas, assim como, com a formação e a profissionalização na área de artes visuais, design, arquitetura e urbanismo. Entende-se, portanto, que a complexidade e os desafios da realidade atual demandam, na atuação dos profissionais da UFG, uma postura investigativa, criativa, propositiva e fundamentada, somente garantida se houver a atualização, o intercâmbio, a integração e a formação continuada de seus quadros.

Com o processo de qualificação do corpo docente e técnico-administrativo, espera-se que a UFG possa avançar, ainda mais, na realização das ações que desenvolve no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. Nesta última década, acompanhando e contribuindo para o crescimento da UFG, a FAV teve uma expansão significativa em suas ações e no seu quadro de pessoal. Este crescimento, no entanto, resultado de um trabalho contínuo e integrado, geralmente enfrenta diversos desafios e necessidades, dentre os quais se destacam: o aprimoramento do processo de capacitação e profissionalização de seu quadro de pessoal; a melhoria das condições de trabalho e remuneração; a ampliação dos investimentos e recursos públicos para ações de infraestrutura e custeio das atividades acadêmicas desenvolvidas na universidade.

Como uma prática usual, há anos a FAV vem incentivando, aprovando e estabelecendo plano de capacitação para os seus docentes e técnico-administrativos, sendo estes, conforme o caso, beneficiados com afastamento parcial ou integral das atividades regulares para o favorecimento do processo de aperfeiçoamento, em instituições situadas tanto na região como em outros Estados e países.

12 QUADRO DE DOCENTES EFETIVOS DA UFG QUE PARTICIPAM DO CURSO

Docente	Titulação
Alice Fátima Martins	Doutora
Anahy Mendonça Jorge Aucê	Doutora
Elani Maria Paludo	Especialista
Eliane Maria Chaud	Doutora
Gisele Costa Ferreira da Silva	Mestre
Glaysen Arcanjo de Sampaio	Mestre
José César Teatini de S. Clímaco	Doutor
Juliano Ribeiro de Moraes	Mestre
Kelly Christina Mendes Arantes	Doutora
Leda Maria de Barros Guimarães	Doutora
Lilian Ücker Perotto	Mestre
Marcos Antônio Soares	Doutor
Noeli Batista dos Santos	Mestre
Paulo Vicente da Veiga Jordão **	Mestre
Raimundo Martins	Doutor
Rogéria Eler da Silva*	Mestre
Rubens Pilegi da Silva Sá*	Mestre
Rosa Maria Berardo	Doutora
Sainy Coelho Borges Veloso	Doutora
Samuel José Gilbert de Jesus	Doutor
Thiago Fernando Sant'Anna e Silva	Doutor
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral *	Mestre
Geisa Nunes de Souza Mozzer ***	Doutora

* Docentes em processo de qualificação sem licença.

** Docentes em afastamento da FAV para qualificação.

*** Docentes vinculados à Faculdade de Educação da UFG.

13 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante (NDE), instituído pela Resolução nº 01, de 17 de junho de 2010, da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES), deve ser formado por um grupo de docentes que exerçam liderança acadêmica e atuação no processo de concepção, acompanhamento, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso de graduação. Em conformidade com a legislação:

Parágrafo único. O NDE deve ser constituído por membros do corpo docente do curso, que exerçam liderança acadêmica no âmbito do mesmo, percebida na produção de conhecimentos na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição, e que atuem sobre o desenvolvimento do curso.

Art. 2º São atribuições do Núcleo Docente Estruturante, entre outras:

- I- contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;
- II- zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;
- III- indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso;
- IV- zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação.

No Curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV, o NDE foi aprovado em reunião do Conselho Diretor da unidade em 12 de setembro de 2012, tendo seus membros o mandato de 2 anos, sob a presidência da Profa. Gisele Costa Ferreira da Silva, conforme ato de nomeação na Portaria nº13/2012, de setembro de 2012, sendo este constituído pelos seguintes membros:

- 1) Docente: Gisele Costa Ferreira da Silva
Graduação: Design
Titulação acadêmica: Mestre
Regime de trabalho: Dedicação Exclusiva
- 2) Docente: Kelly Christina Mendes Arantes
Graduação: Licenciatura em Artes Visuais
Titulação acadêmica: Doutora
Regime de trabalho: Dedicação Exclusiva
- 3) Docente: Marcos Antonio Soares
Graduação: Licenciatura em Artes Visuais
Titulação acadêmica: Doutor
Regime de trabalho: Dedicação Exclusiva
- 4) Docente: Maria Teresa Gomes da Silva
Graduação: Bacharelado em Artes Visuais
Titulação acadêmica: Graduada
Regime de trabalho: Dedicação Exclusiva
- 5) Docente: Patrícia Bueno Godoy
Graduação: Bacharelado em Artes Visuais
Titulação acadêmica: Doutora
Regime de trabalho: Dedicação Exclusiva
- 6) Docente: Raimundo Martins
Graduação: Bacharelado em Artes Visuais
Titulação acadêmica: Doutor
Regime de trabalho: Dedicação Exclusiva

14 SISTEMÁTICA DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO DE CURSO

A avaliação deste Projeto de Curso, em seus aspectos de implementação, funcionamento, relações interpessoais e impactos sociais, apresenta-se como uma ação fundamental da política acadêmica de nossa instituição, com vistas à melhoria da qualidade da formação na Licenciatura em Artes Visuais da FAV/UFG.

Entende-se que a avaliação é um processo de levantamento, discussão, reflexão e sistematização de informações referentes à realização do curso, no qual participam a comunidade acadêmica envolvida com o desenvolvimento do projeto – docentes, discentes e técnico-administrativos – e os sujeitos e segmentos sociais envolvidos com as práticas educativas em Artes Visuais – profissionais egressos do curso, estudiosos e pesquisadores de outras instituições, entidades e associações da área de Arte, representantes governamentais, entre outros.

Neste Projeto, parte-se do pressuposto que avaliação é um processo complexo, contínuo e colaborativo que se fundamenta em preceitos técnicos, éticos, políticos e pedagógicos, sendo determinado pelo nível de participação, compromisso e reflexão dos sujeitos envolvidos com a realização e melhoria do curso. Referenciando-se no PDI da UFG de 2011-2015, concordamos com o seguinte entendimento:

A avaliação tem como princípios atentar-se para os processos e não só para o produto; respeitar os envolvidos no ato avaliativo; ser educativa e democrática; viabilizar o retorno das informações; realizar uma reflexão rigorosa sobre as práticas; e estimular a autorreflexão e promover a melhoria e o aperfeiçoamento da prática educativa. Dessa forma, é fundamental a integração da avaliação ao ensino, levando em conta suas dimensões formativa e associativa. Trata-se, pois, de uma vasta e complexa ação, que supõe a necessidade de obter informações em diferentes momentos, tendo em vista o aperfeiçoamento contínuo dos processos formativos.

Dentre as atividades que serão encaminhadas para a efetivação do processo avaliativo do Curso, a serem realizadas de modo sistemático e regular, destacam-se:

- **Reuniões periódicas do Núcleo Docente Estruturante**, com o objetivo de acompanhar e avaliar o andamento das disciplinas e das atividades de integração e propor novas propostas e procedimentos de estudo e conhecimento, estudar as avaliações do ENADE e do SINAES como produto de diagnóstico do curso, além de traçar estratégias de melhoria do curso.
- **Realização de Conselhos do Curso**, formados pela reunião dos professores que atuam no projeto, sob a condução da Coordenadoria de Curso, com o objetivo de avaliar e encaminhar decisões estruturais, apreciar o andamento do curso, favorecer a integração e a participação de toda equipe na resolução de problemas.
- **Reuniões de Planejamento Pedagógico**, que ocorrerão sempre nas semanas precedentes ao início das aulas, com o objetivo de avaliar os planos, condições de ensino e o processo de desenvolvimento das disciplinas e traçar estratégias em conjunto.
- **Atividades da Coordenação de Curso**, que tem a competência para planejar, coordenar e acompanhar o desenvolvimento do curso, propor e encaminhar alterações curriculares quando pertinentes, com o objetivo de cumprir as prerrogativas legais e as ações necessárias à plena realização da proposta curricular.
- **Avaliação Discente e Docente**, que será realizada segundo o regimento da FAV e da UFG, servirá como instrumento de acompanhamento do desenvolvimento dos diversos professores e estudantes nas disciplinas, sobre os quais é elaborado um relatório.

- **Exposição Anual dos Trabalhos Discentes**, que será uma forma de conhecimento, avaliação e integração dos diversos conteúdos e pesquisas realizadas nas diversas disciplinas do curso, sobre a qual será elaborado relatório com avaliação qualitativa e propostas coletadas.
- **Ações da Comissão de Avaliação Institucional da UFG (CAVI)**, formada por representantes da UFG, responsável pelo processo de avaliação institucional da UFG, com o objetivo de coordenar, planejar, organizar, sistematizar, assessorar e divulgar a execução do processo de avaliação interna da instituição (auto-avaliação), instituída pelo Sistema Nacional da Avaliação da Educação Superior (SINAES), fornecendo informações à comunidade acadêmica, ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e aos diferentes setores vinculados à universidade.
- **Realização de Seminários da Licenciatura em Artes Visuais**, promovidos pela FAV, com o objetivo de refletir sobre a formação, a profissionalização e a docência em artes visuais, favorecendo a integração de discentes, egressos do curso e profissionais da educação em artes visuais que atuam na formação docente e em instituições educacionais públicas ou privadas da região.

15 REFERÊNCIAS

- ABAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABRAMOVICH, Fanny. O professor não duvida! Duvida? São Paulo: Editora Gente, 1998.
- ADES, Dawn. Arte na América Latina. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Um mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade. Oeiras: Celta, 2000.
- ALVAREZ, Sônia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Orgs.). Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ALVES, Rubem. Lições de Feitiçaria: Meditações sobre a poesia. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Etnografia da Prática escolar. Campinas: Papirus, 1995.
- ANJOS, Moacir dos. Local / Global Arte em Trânsito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- ANJOS, Moacir. Contraditório – Panorama da Arte Brasileira 2007. São Paulo: Editora do MAM-SP, 2007.
- ARANTES, Antonio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- ARAÚJO, J. Z. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.
- ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes.
- ARGAN, G.C. Arte e crítica de arte. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- ARGAN, G.C. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ARGAN, Giulio Carlo. Imagem e Persuasão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ARNHEIM, Rudolf. Arte & Percepção visual: Uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira Thompson, 2005.
- ARNHEIM, Rudolf. Intuição e Intelecto na Arte. Martins Editora, 2004.
- ARRECHEA, Julio; SOTO, Vitória. Dicionário de Pintura - Século XX. Lisboa: Editora Estampa, 2003.
- AYALA, Marcos; AYALA, M. I. Novaes. Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1987.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BADIOU, Alain. Pequeno manual de inestética. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

BALZI, Juan Jose. O Impressionismo. Editora: Claridade, 2009.

BARBOSA, Ana Mae (org.) Consonâncias internacionais para o ensino de arte. São Paulo, Cortez, 2006.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte Educação: Leitura no Subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação: conflitos e Acertos. São Paulo: Max Limonad, 1984.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. A Importância da Imagem no Ensino da Arte: Diferentes Metodologias. In: Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte e a Rede Arte na Escola. Porto Alegre, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. História da Arte Educação: A Experiência de Brasília: 1o Simpósio Internacional de História da Arte Educação. São Paulo: Max Limonad, 1986.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. John Dewey e o Ensino de Arte no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. Teoria e Prática da Educação Artística. 14o ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BARBOSA, Ana Mae; SALES, Heloisa Margarido. O ensino da arte e sua história. São Paulo: MAC|USP, 1990.

BARBOSA, Ana Mae; SALES, Heloisa Margarido; COUTINHO, Rejane. Artes Visuais da exposição à sala de Aula. São Paulo: Edusp, 2006.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro. Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARNARD, M. Approaches to Understanding Visual Culture. New York: Palgrave, 2001.

BASBAUM, Ricardo. Arte Contemporânea Brasileira: Texturas-Dicções-Ficções-Estratégias. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

BASBAUM, Ricardo. Além da Pureza Visual. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BATTI, Bez. Cor e forma na escultura. Editora Valdir Ben, 2009.

BATTISTONI FILHO, Duílio. Pequena História das artes no Brasil. São Paulo: Editora Átomo, 2008.

BAUDRILLARD, J. Mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BAUER Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes. 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAYER, Raymond. História da Estética. Editora: Estampa, 1979.

BEI Comunicação. Sergio Fingeremann - Gravura, Tramas de sombras Edição Caixa Pvc. Editora BEI, 2008.

BELUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina.

BENEVOLO, Leonardo, História da Cidade, São Paulo, Perspectiva, 2003.

BENJAMIM, Walter. Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BERGER, John. Modos de ver. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERTAZZO, Ivaldo. Cidadão corpo: identidade e autonomia do movimento. São Paulo: Sesc/Opera Prima, 1996.

BERTICELLI, Ireno Antônio. Epistemologia e Educação: da complexidade, auto-organização e Caos. Chapecó: Argos, 2006.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BORGES, Maria Elízia. Olhar para ver. Apostila de Arte Brasileira. Material pedagógico usado em sala de aula. Goiânia: UFG/FAV, 1998.

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

BRAGA, Denise Bértoli. A construção híbrida da escrita na internet. In: Revista Estudos Pedagógicos. Campinas, UNICAMP, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora UFG, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes para o ensino de História e cultura da África e afro-brasileira. Brasília: Secad, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Infantil no Brasil: situação atual. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Escolinha de arte do Brasil. Brasília, DF: INEP, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Novas Orientações Curriculares: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Orientações curriculares do ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias – arte. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. PCN + Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRITO, F.L. Necessidade Psicossocial e Cognitiva de um Bilingüismo para o Surdo. Lingüista Aplicada, vol.4, UNICAMP, 1986.

BROCCHIERI, Fumagalli Beonio. A Estética da Idade Media. Editora: Estampa, 2003.

BRONOWSKI, Jacob. Arte e Conhecimento. Lisboa: Edições 70.

BRUNER, J. A cultura da Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CABANNE, Pierre. A Arte Clássica e o Barroco. Lisboa: Edições 70, 2001.

CAGNIN, Antônio Luiz. Os Quadrinhos. São Paulo: Ática, 1975.

CAMARGO, Isaac Antonio. Vertentes para o Ensino em Arte Visual. Londrina: Editora da UEL, 1997.

CANCLINI, Nestor García. A socialização da arte: teoria e prática na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Nestor García. As culturas populares do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANTON, Kátia. Mesa do artista. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CANTON, Kátia. Novíssima Arte Brasileira: Um guia de tendências. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CANTON, Kátia. O retrato da arte moderna. WMF Martins Fontes, 2002.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. v II 2 ed. trad: Klauss Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHUB, S. (org.). Pós-moderno e semiótica, cultura, psicanálise, literatura, artes plásticas. Associação Brasileira de Semiótica, Rio de Janeiro, Imago, 1994, 121 p.

CHAUÍ, Marilena Sousa. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2000.

CICCONE, M. Comunicação Total: Introdução. Estratégias. A Pessoa Surda. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

CLIMACO, Jose César Teatini de Souza. A Gravura em Matrizes de Plástico. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CONNOR, Steven. Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

CONNOR, Steven. Teoria e valor cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

CONTI, Flavio. Como reconhecer a arte do Renascimento. Lisboa: Edições 70, 1996.

CORAZZA, S. O que quer um currículo? Pesquisas Pós-Críticas em Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

CORAZZA, S.; TADEU, T. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORREA, Ayrton Dutra. Ensino das Artes Visuais: Mapeando o Processo Educativo. Santa Maria: Editora UFSM, 2008.

CORREA, Ayrton Dutra; NUNES, Ana Luiza Ruschel. O Ensino das Artes Visuais: uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2007.

CORREA, R.L.; ROSENDHAL, Z (Orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSTA, Cristina. A Imagem da Mulher: Um Estudo de Arte Brasileira. Rio de Janeiro: SENAC RIO, 2002.

COSTA, Izabel M. O Ensino da Arte e a Cultura Popular. Editora Cultura & Arte.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

COSTELLA, Antonio F. Introdução a Gravura e a sua História. Editora Mantiqueira, 2006.

COTRIN, Cecília. FERREIRA, Glória. Escritos de artistas – Anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COUTINHO, Eduardo (org). Fronteiras Imaginadas: cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999.

DANTO, Arthur C. Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: EDUSP, 2006.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. Psicologia na educação. São Paulo: Cortez, 1994.

DELORS, Jacques (org.). Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 1996.

DEMO, Pedro. Desafios Modernos da Educação. Petrópolis: Editora Vovez, 2001.

DEMO, Pedro. Universidade, Aprendizagem e Avaliação: horizontes reconstrutivos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DENZING, Norman & LINCOLN, Yvonna. (Eds.) The Landscape of Qualitative Research – Theories and Issues. London: Sage, 2003.

DICIONÁRIO Oxford de Arte. São Paulo, Martins Fontes.

DOMINGUES, Diana (Org.). A Arte no século XXI. São Paulo: Unesp, 1997.

DOMINGUES, Diana. Arte, Ciência e Tecnologia. São Paulo: Unesp, 2009.

DOMINGUES, Diana. Criação e interatividade na Ciberarte. São Paulo: Experimento, 2002.

DONDIS, D. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DORFLES, Gillo. O devir das artes. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

DOURADO, Luiz Fernandes; CATANI, Afrânio Mendes (orgs). Universidade Pública: Políticas e Identidade Institucional. Campinas, SP: Autores Associados; Goiânia, GO: Editora da UFG, 1999.

DUARTE JR. João Francisco. Fundamentos da Arte na educação. São Paulo: Cortez, 1981.

DUARTE JR. João Francisco. O Sentido dos Sentidos – A Educação (do) Sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

DUARTE JR. João Francisco. Por que Arte-Educação? Campinas: Papirus, 1983.

DURAND, José Carlos. Arte, Privilégio e Distinção: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil 1855/1985. São Paulo: Editora da USP, 1989.

EAGLETON, Terry. A idéia de cultura. São Paulo: UNESP, 2005.

ECO, Humberto. Obra aberta. Forma e identificação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FAJARDO, Elias; SUSSEKIND, Felipe. Oficinas Gravura. São Paulo: SENAC São Paulo, 1999.

FERNANDES, José. O poema visual. Goiânia: Ed. Vozes, 1997.

FERNANDES, José. Técnicas de Estudo e Pesquisa. Goiânia: Editora Kelps, 2002.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria F. R. Metodologia do ensino da arte. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e Letra. Introdução a Bibliologia Brasileira: A Imagem Gravura. São Paulo: EDUSP, 1994.

FERREIRA, Sueli (org.). O Ensino das Artes: construindo caminhos. Campinas SP: Papirus, 2001.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1994.

FLICK, Uwe. Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FOUCAULT, Michel. Estética - Literatura e Pintura, Música e Cinema V. 3. Editora: Forense Universitária, 2006.

FRANÇA, Jose Augusto. Do Romantismo 1824, Antes e Depois. Editora: Livros Horizonte, 1994.

FRANCO, Edgar Silveira. HQtrônicas: Do Suporte Papel à Rede Internet. São Paulo: Annablume & Fapesp, 2ª Ed., 2008.

FRANCOIO, Maria Ângela Serri. Ciranda de Formas: Bichos – Jogos, brinquedos e brincadeiras – Apostila do Professor. São Paulo: MAC USP/FAPESP, 2004.

FRANGE, L. B. P. Noêmia Varela e a arte. Belo Horizonte: Com Arte, 2001.

FRANGE, L.B. P; VASCONCELLOS, L.G.F. Oficina de Desenho Urbano: Desenhando e Construindo a Cidade no Cerrado. Uberlândia, MG: PROEX, 2002.

FREIRE, Madalena (Org.). Avaliação e Planejamento – A Prática educativa em questão – Instrumentos Metodológicos II. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade, 20ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 39ª edição. Ed. Paz e Terra, 2004.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime de Economia Patriarcal. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

FROTA, Lélia Coelho. Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro: século XX. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2005.

FUSARI, Maria; FERRAZ, Maria Luíza. Arte na Educação Escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

FUX, Maria. Dança, uma experiência de vida. São Paulo: Summus, 1986.

GASPAR, Madu. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

GEORGE, Frederico. Ver Pelo Desenho. Belo Horizonte: Livros Horizonte, 1997.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro — Modernidade e Dupla Consciência. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM — Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

GIROUX Henry A. Cruzando as fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GOMBRICH, Ernest H. A História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOMBRICH, Ernest H. Arte e Ilusão. Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica. São Paulo: Martins Fontes.1995.

GÓMEZ, A. I. Pérez. A cultura na sociedade neoliberal. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Alimentação e cultura popular. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2002.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Arte Brasileira No Século XX. Editora: IMESP, 2008.

GREIG, Philippe. A Criança e seu Desenho: Nascimento da Arte e da Escrita. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

GRUZINSKI, Serge. O Pensamento Mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUIMARÃES, Edgard (Org.). O Que é História em Quadrinhos Brasileira. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

GUIMARÃES, Leda Maria de Barros. Desenho, Desígnio, Desejo: sobre o ensino do desenho. Teresina: EDUFPI, 1996.

GUMBRECHT, H. U. A modernização dos sentidos. São Paulo, Editora 34, 1998.

HALL, Peter. Cidades do Amanhã. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO/Brasil, 2003.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

HASELBACH, Barbara. Dança, improvisação e movimento. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1989.

HAUSER, Arnold. História Social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou, 1982, Vols.2.

HERNANDEZ, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNANDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JAMESON, F. Pós-modernismo: a lógica do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JANSON, H. W. História Geral da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

JIMENEZ, Marc. O que é estética? São Leopoldo (RS): Ed. UNISINOS, 1999.

JOHSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. Organização e traduções: Tomaz Tadeu da Silva. O que é, afinal, Estudos Culturais? Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KIVY, Peter. Estética - Fundamentos e questões de filosofia da arte. São Paulo: Paulus Editora, 2008.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.

KOUDELA, Ingrid Dormien. Texto e jogo. São Paulo: Perspectiva, 1998.

KOZLOWSKI, L. A Percepção Auditiva e Visual da Fala. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1997.

KRAUSS, Rosalind. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins, 1998.

KUENZER, Acácia Z. Ensino Médio e profissional: As políticas do Estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1986.

LAYTON, Robert. Antropologia da Arte. Lisboa: Edições 70, 2001.

LEITE, Juçara Luzia; REBOUÇAS, Moema Martins (orgs). TV ESCOLA: Trajetórias, Reflexões e Vivências no Espírito Santo. MEC; Núcleo TV Escola-UFES, 2005.

LEVY, Pierre. O que é virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Nei Clara de. Narrativas Oraís: uma poética da vida social. Brasília: Editora da UnB, 2003.

LIMA, Rogério. A leitura e a virtualização do texto literário. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Rio de Janeiro: ABRALIC, n. 9, p. 191 -212, 2006.

LINHARES, Célia (org). Políticas do Conhecimento: velhos contos, novas contas. Niterói: Intertexto, 1999.

LOMBARDO, Giovanni. Estética da Antiguidade Clássica. Lisboa: Editora Estampa, 2003.

LÜDKE, Menga. Etnografia na prática escolar. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MACIEL, Mario Luiz Belcino e VENTURELLI, Suzete. Imagem Interativa. Editora UnB, 2008.

MARQUES, Isabel. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Marcos Bulhões. Encenação em jogo. São Paulo: Hucitec, 2005.

MARTINS, Míriam; PICOSQUI, Gisa; GUERRA, Maria. Didática do ensino da arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Temas e Técnicas em Artes Plásticas. 2. São Paulo: Editora ECE, 1987.

MASCELANI, Angela. Mundo da Arte Popular Brasileira. Rio de Janeiro: MAUAD, 2009.

MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.

MATTELART, Armand. Pensar as mídias. São Paulo: Loyola, 2004.

McCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: Makron Books, 1995.

McLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

MEIRA, Marly. Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MICHELI, Mário de. As Vanguardas Artísticas. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

MONTOYA, Adrian O. Dongo. Piaget: imagem mental e construção do conhecimento. São Paulo: Unesp, 2005.

MORAIS, Frederico. Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte. Rio de Janeiro: Record, 1988.

MORAIS, Frederico. Panorama das Artes Plásticas. Séculos XIX e XX. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1989.

MORAIS, Zita. Escultura. Lisboa: LISMA, 2006.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O Espaço do desenho: a educação do educador. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

MOREIRA, Antonio F. Barbosa; CANDU, Vera Maria. Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

MORIN, Edgar. Imaginários da educação: por uma reforma da universidade e do pensamento. Porto Alegre: Revista Famecos, Número 06, 1997.

MORRIS, Catherine. The essential Cindy Sherman. N. York: Abrams, 1999.

NAPOLITANO, M. Cultura Brasileira: Utopia e Massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

NAVES, Rodrigo. A forma difícil: ensaios sobre a arte Brasileira. São Paulo: Ática, 1997.

NEGROPONTE, Nicholas. A vida digital. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NISKIER, Arnaldo. LDB: A Nova Lei da Educação. Tudo sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional: uma visão crítica. Rio de Janeiro: Consultor, 1996.

NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea. São Paulo: Ática, 1991.

OLIVEIRA, Marilda; HERNANDEZ Fernando (Orgs.) Formação do Professor em Artes Visuais. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.

OSINSKI, Dulce R. B. Arte, História e Ensino: uma trajetória. São Paulo: Cortez, 2001.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

OSTROWER, Fayga. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PADBERG, Martina. O Impressionismo. Editora H.F. Ullmann, 2009.

PAIVA, Eduardo França. História e Imagens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PARENTE, André (Org.). Narrativa e Modernidade. Os Caminhos não-Narrativos do Pós-Guerra. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PARENTE, André. Imagem Máquina: a Era das Tecnologias do Virtual. São Paulo: Editora 34, 1996.

PASSETTI, Dorothea voegeli. Levi-Strauss, Antropologia e Arte: Minúsculo – Incomensurável. São Paulo: EDUSP: EDUC, 2008.

PENNA, Maura (Org.). É este o ensino da arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. João Pessoa: Universitária/CCHLA/PPGE, 2001.

PENNA, Maura (Org.). O dito e o feito: política educacional e arte no ensino médio. João Pessoa: Manufatura, 2003.

PEREGRINO, Yara (Coord.). Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995.

PEREIRA, Sonia Gomes. Arte Brasileira no Século XIX. Belo Horizonte: C/ ARTE, 2008.

PESSIS, A. M. Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.

PEVSNER, Nikolaus. Os Pioneiros do Desenho Moderno. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PIGNATARE, Décio. Cultura Pós Nacionalista. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

PILLAR, Analice D. A Educação do Olhar no Ensino das Artes. Porto Alegre: Mediação, 1999.

PILLAR, Analice D. Desenho e construção de conhecimento na criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.

PILLAR, Analice D. Desenho e escrita como sistemas de representação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.

PINKER, Steven. Tabula Rasa – A Negação Contemporânea da Natureza Humana. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

PORCHER, Luis (org). Educação Artística – Luxo ou Necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

PROENÇA, Graça. Descobrindo a História da Arte. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PROENÇA, Graça. História da arte. São Paulo: Ática, 2007.

RACHEL, Mason. Por uma Educação Multicultural. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

READ, Herbert. Educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

READ, Herbert. Escultura Moderna: uma história concisa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.

RESTANY, Pierre. Os novos Realistas. São Paulo: Perspectiva, 1979.

RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICTHER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. Pedagogia do Desenho Infantil. São Paulo: Editora Átomo, 2007.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila.(orgs). Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo: EDUC, 2008.

SANTOMÉ, J. T. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCHWARCZ, L. M. & REIS, L. V. de S. Negras Imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil. (orgs) São Paulo: USP/Estação Ciência, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

SCHWARTZMAN, S. A Redescoberta da Cultura. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.

SEKEFF, Maria; ZAMPRONHA, Edson. Arte e Cultura. Estudos Transdisciplinares IV. São Paulo: Editora Annablume, 2004.

SELIGMANN-SILVA, M. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SEMPRINI, A. Multiculturalismo. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SERRANO, Manuel Martin. A participação dos meios audiovisuais na construção da visão do mundo das crianças. In: Tecnologia da Educação. Rio de Janeiro, n° 87/88, p. 58 - 65, mar./jun, 1989.

SEVCENKO, N. A Corrida para o Século XXI – No loop da Montanha Russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHIROMA, E. O. et. al. Política Educacional. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

SHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens: ensaio sobre a cultura visual na Idade Média. EDUSC, 2009.

SHUSTERMAN, R. Vivendo a arte. O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

SILVA, Alberto da Costa e. A invenção do desenho e ficções da memória. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Tomás Tadeu da (org). Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos Estudos culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomás Tadeu da. O Currículo como Fetiche – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre fotografia. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

SOURIAU, E. A correspondência das artes: elementos de estética comparada. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1983.

SOUSA SANTOS, B. Um Discurso sobre as Ciências. Lisboa: Afrontamento, 1999.

STANGOS, Nikos (Org.). Conceitos da Arte Moderna. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1991.

STRICKLAND, Carol. Arte Comentada: Da Pré-História ao Pós-Moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

SYLVESTER, David. Sobre arte moderna. Cosac & Naify.

TASSINARI, Alberto. O espaço moderno. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

TEDESCO, Juan. O novo pacto educativo. São Paulo: Ática, 1998.

TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

TINOCO, Eliane et al. Possibilidades e encantamentos: trajetórias de professores. Uberlândia: s/ed., 2003.

TIRADELI, Percival. Arte Moderna e Contemporânea. São Paulo: IBEP Nacional.

TIRAPELI, Percival. Arte Sacra Colonial - Barroco Memória Viva. São Paulo: UNESP, 2005.

TORRANCE, Paul. Criatividade: Medidas, testes e avaliações. São Paulo: IBRASA, 2009.

TORRES, Carlos Alberto. Teoria Crítica e Sociologia Política da Educação. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Educação da Cultura Visual. Santa Maria: Editora UFMS, 2009.

Vários autores. Livro da Arte Século XX. Lisboa: Texto Editores, 1999.

VASQUEZ, Pedro. Fotografia: reflexos e reflexões. Porto Alegre, RS: L&PM, 1986.

VENTURELLI, Suzete. Arte - Espaço, Tempo, Imagem. Editora UNB, 2004.

VIDAL, L. (Org). Grafismo indígena: estudos de antropologia e estética. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Edusp, 2000.

VIRILIO, Paul. O espaço crítico e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer. São Paulo: Callis, 1995.

WOLF, Norbert. Romantismo. Editora Taschen/Paisagem, 2008.

WÖLFFLIN, Heinrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WONG, Wucius. Princípios de Forma e Desenho. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.

XAVIER, Ismail. O Discurso Cinematográfico. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ZOLBERG, Vera L. Para uma sociologia das artes. São Paulo: Senac, 2006.

• • •